

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Gabrielly Ferreira Najm

Antes e depois: As imagens corporais criadas pelas intervenções estéticas.

MESTRADO EM COMUNICAÇÃO

São Paulo

2013

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Programa de estudos pós-graduados em comunicação e semiótica.

Gabrielly Ferreira Najm

Antes e depois: As imagens criadas pelas intervenções estéticas.

MESTRADO EM COMUNICAÇÃO

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em comunicação e semiótica sob a orientação do Prof. Dr. Norval Baitello Jr.

São Paulo

2013

Banca examinadora

Dedico este trabalho aos meus pais, que desde cedo me ensinaram que conhecimento é nossa única e verdadeira herança.

Agradecimentos.

Agradeço primeiramente á Deus, sem a sua infinita inspiração eu não chegaria onde estou, jamais. Em segundo lugar, dedico ao meu pai, Antônio Elpídio Ferreira, que sempre me deixou expresso claramente que seu sonho era me chamar de doutora – quase lá pai! – e que financiou boa parte do meu estudo, fora o incentivo nas palavras carinhosas. Á minha mãe, Maria José Barbosa Ferreira que também me incentivou sempre e me permitiu seguir o que caminho que escolhi. Ao meu marido, Mohamed Ahmad Najm, por ser a minha base, meu chão. Por me fazer ir à luta. Por abandonar tudo para ir comigo para São Paulo, somente para eu realizar o meu sonho, de ser mestre. Pelo incentivo incessante.

Ao querido orientador, Norval Baitello Jr., que desde o início me inspirou com o seu belo trabalho, suas aulas sempre tão didáticas e cheias de vida, reverberando por meses a fio e cujas ideias, teorias são fonte principal do meu trabalho. Para mim, um exemplo a ser seguido, mimeticamente.

Ao CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – pelo apoio á esta pesquisa sem a qual não teria se realizado.

Aos meus irmãos e amigos, que torceram por mim, sempre com palavras positivas. Deixo aqui o meu muito obrigada a todos que acreditaram em mim.

Aos professores do curso de comunicação e semiótica da PUC-SP, que mantêm viva uma obra tão rica, ainda jovem, mas por mim e por muitos considerado o melhor curso de comunicação e semiótica do país, graças á estas cabeças pensantes e talentosas.

Á todos os funcionários, da PUC-SP que ajudam a manter esta belíssima instituição de ensino, cada um com o seu trabalho, por menor que seja, é essencial para que esta obra continue e perdure.

Á todos, meu eterno agradecimento.

Resumo.

O corpo é o início e o final de toda comunicação. Através dele, participamos dos ambientes socioculturais e criamos vínculos. Com o uso dos sentidos e do contato, modificamos o meio em que vivemos e modificamos o corpo, para se adaptar á este meio. Percebemos com a evolução que o corpo é altamente flexível á modificações e pode ser resignificado, moldado e transformado para se adaptar. Hoje, pode-se dizer que as cirurgias estéticas são ferramentas para a mudança deste corpo, que é cópia, do corpo da mídia. Existe uma exacerbação de cirurgias estéticas sendo feitas, dia após dia, devido ao corpo sonhar ser um outro corpo. Então nos perguntamos: Em que medida a criação de corpos midiáticos, executada pela ação das intervenções estéticas, utiliza os moldes dos softwares de edição de imagem e as imagens dos media como modelos miméticos? É possível verificar esta necessidade, através de imagens, imagens de antes e depois, de pessoas que passam por estas intervenções, para ser ou pare(ser) com o corpo midiático. Estas imagens são retiradas de reportagens em sites da internet, principalmente do portal G1 em planeta bizarro. Esta pesquisa tem como objeto estas imagens, de antes e depois de cirurgias estéticas. Para compreender este fenômeno, utilizo os conceitos de Ivan Bystrina, Tcheco, teórico de semiótica da cultura para explicar a questão do imaginário e de como a segunda realidade atua contaminando a primeira. Harry Pross, que discursa sobre mídia primária, secundária e terciária, em um trajeto onde a comunicação se inicia e termina no corpo. Norval Baitello Jr., que trabalha com a questão da imagem, de iconofagia e incomunicação, elementos que se fazem essenciais para corroborar com a hipótese proposta. Dietmar Kamper, Alemão, teórico da mídia, filósofo e sociólogo do corpo. Não se pode falar de corpo sem ao menos consultar Kamper, pois suas ideias e concepções são as mais atuais no campo da comunicação. Gunter Gebauer e Christoph Wulf, que traçam um maravilhoso panorama de quais são as consequências da mimese no convívio social. Estas teorias são entrelaçadas para iluminar o objeto e nos fazer conhecer e reconhecer que estamos em uma sociedade de imagens que imperam sozinhas, nos usando apenas como suportes.

Palavras-chave: corpo, imagem, mídia, intervenções.

Abstract.

The body is the beginning and the end of every kind of communication. Through it we can take part in sociocultural environments and create bounds. Using the senses and contact, we change the environment we live in and change the body in order to adapt it to this environment. With the evolution we notice that the body is highly flexible to changings and may be given another meaning, molded and transformed in order to adapt itself.

Today we can say that estetic surgeries are tools to change the body that is the body's media copy. There is an exagérate number of estetic surgeries happening day after day due to the body to dream about being another body. Then we wonder in what measure the creation of mediatic bodies executed by the action of estetic surgery make use of the molds of image edition softwares and the image of media such as mimetic samples. It is possible to see this need through the images, previous and after images, from people who have gone under those surgeries to become or to look like the mediatic body. These images are taken from articles from the web, especially from G1 site on bizzar planet. These images are object of this survey about previous and after estetic surgeries. To understand this phenomenon I use the concepts of Ivan Bystrina, Czech, who wrote about semiotic culture to explain the matter of the imaginary and how the second reality acts contaminating the first one. Harry Pross, who talks about primary, secondary and thrid media, on a line where communication begins and ends at the body. Noval Baitello Jr., that works on the image matter, on *iconofagia* and incommunication, elements that are essential to corroborate with the proposed hypothesis. Dietmar Kamper, German, writer of media, philosopher and sociologist about the body. We cannot talk about the body without at least consulting Kamper, for his are the most updated ideas and concepts in the field of communication. Gunter Gebauer and Christof Wulf, that plot a wonderful panorama of which are the consequences of *mimese* in social relationships. These theories are related in order to spot the object and let us get to know and realize that we live in a society of images that rules by itself using us as a stand.

Key-Words: Body, image, midia, interventions.

*O pulso ainda pulsa.
E o corpo ainda é pouco.*

Arnaldo Antunes.

Sumário.

<u>Introdução</u>	<u>10</u>
<u>Capítulo 1 – O Corpo</u>	<u>13</u>
1.1 O corpo ferramenta	15
1.2 O corpo contato	16
1.3 Corpo e cultura	18
1.4 O corpo e a morte	21
1.5 O corpo quer perdurar	22
<u>Capítulo 2 – A imagem</u>	<u>27</u>
2.1 Nascimento da imagem	29
2.2 Aparatos	31
2.3 Cópias	32
2.4 Corpo, imagem e mídia	33
2.5 Iconofagia: A morte do corpo	36
<u>Capítulo 3 – Ambientes e modificações corporais</u>	<u>42</u>
3.1 Se o peixe morre pela boca, o corpo morre pelos olhos	44
3.1.1 Corpos que devoram corpos – a antropofagia	45
3.1.2 As imagens que devoram imagens - Iconofagia	45
3.1.3 Os corpos que devoram as imagens	47
3.1.4 As imagens que devoram os corpos	49
3.2 A imagem venceu	50
3.3 Prognóstico	60
<u>Capítulo 4 – Conclusão</u>	<u>62</u>
<u>Bibliografia –</u>	<u>66</u>
<u>Anexos -</u>	<u>68</u>

Introdução.

Esboça-se em linhas gerais a dissertação de mestrado conduzida por uma pesquisa científico-acadêmica no curso de pós-graduação *Strictu Sensu* de comunicação e semiótica na pontifícia universidade católica de São Paulo, referente à linha de pesquisa: “Culturas e ambientes midiáticos”, com objetivo de obtenção do título de mestre.

A pesquisa remete às imagens de antes e depois de corpos que foram transformados através do uso de intervenções estéticas com a finalidade de adquirir uma nova significação imagética, enfocando as práticas sociais comunicativas contemporâneas sob a luz da semiótica da cultura e demais teorias que serão citadas a seguir.

Ao referir-se ao objeto de estudo, pode-se situá-lo no campo da comunicação e na área da semiótica da cultura, tomando por base os desenhos teóricos do renomado semioticista Tcheco, - citando aqui a teoria da “segunda realidade” de *Ivan Bystrina* - como será visto posteriormente, e sua aplicação na análise e compreensão de como os corpos têm sido utilizados como objetos/suportes facilmente manipulados e remodelados, através de intervenções e cirurgias estéticas, que são a ferramenta para seguir os padrões da imagem midiática. É um ciclo que não se sabe onde inicia e onde termina. Se é a mídia que impõe os padrões estéticos, ou se são os próprios corpos dos homens que influenciam a criação destes padrões.

Corpos estão sendo recriados para se inserirem na sociedade, como um novo corpo, com uma nova significação, com novos objetivos. E qual é o objetivo primário do corpo? E hoje, qual é o objetivo deste corpo, que segue os moldes dos softwares de edição de imagem?

Existem hoje muitos casos de pessoas, ou corpos, que passam por transformações, às vezes extremas, apenas para que a imagem que se cultiva na órbita do imaginário tenha vida. O corpo já não é mais o corpo e sim a imagem do corpo, que se inscreve na realidade.

A partir daí, pressupõe-se que o excesso de intervenções estéticas ocorre em função da rápida modelação deste corpo, que se altera aos moldes da

mídia para se reinscrever no que seria a sua nova realidade ou vivência social. Portanto, tentou-se responder à seguinte questão: Em que medida a criação de corpos midiáticos, executada pela ação das intervenções estéticas, utiliza os moldes dos softwares de edição de imagem e as imagens dos media como modelos miméticos?

Sobre o objeto de estudo.

O objeto desta pesquisa são imagens, de antes e depois de pessoas ou corpos que passaram por algum tipo de intervenção estética, e que modelaram este corpo para obter uma nova aparência, uma nova imagem, que segue um padrão estético proposto pela mídia. Estas imagens foram retiradas de sites de notícias na internet, como o portal de notícias G1 da Globo, e foram utilizadas para analisar como o corpo muda, se transforma após uma intervenção e as consequências desta nova imagem. Partiu-se do princípio de que a coerção do olhar é o grande modelador dos corpos, que se sujeitam às rápidas mutações para que a imagem, exposta por este corpo, se torne a imagem referencial e ideal, cópia do padrão midiático.

Principais conceitos utilizados.

Os principais conceitos utilizados para análise destas imagens são os conceitos de primeira e segunda realidade de Ivan Bystrina, Tcheco, teórico de semiótica da cultura que onde foi fundamentada a questão do imaginário e de como a segunda realidade atua contaminando a primeira. A ‘segunda realidade’, também chamada de realidade da cultura, é onde se dão os ritos, os mitos, as invenções, alucinações, criações imaginárias, enfim, toda a produção simbólica do ser humano, através de códigos hiperlinguais, tomando o texto como unidade mínima da cultura.

O conceito de corpo, tratado no primeiro capítulo, tema imprescindível e essencial, além de pedra angular do trabalho, se dá pela teoria de Dietmar Kamper, Alemão, teórico da mídia, filósofo e sociólogo do corpo. Não se pode

falar de corpo sem ao menos consultar Kamper, pois suas ideias e concepções são as mais atuais no campo da comunicação. Também trata da questão do imaginário, entrelaçando este conceito com o do Bystrina, para averiguar a atuação do imaginário no corpo e as consequências desta atuação, ao que se verifica no objeto.

O conceito de imagem e mídia, tratado no segundo capítulo, parte do grande teórico das media, Harry Pross, que discursa sobre mídia primária, secundária e terciária. De acordo com Pross, elas são separadas de acordo com a necessidade, ou não de suportes para a comunicação, em um trajeto onde a comunicação se inicia e termina no corpo. E também, a teoria de Norval Baitello Jr., que trabalha com a questão da imagem, de iconofagia e incomunicação, elementos que se fazem essenciais para corroborar com a hipótese proposta.

Atrrelados ao primeiro e segundo capítulo estão ainda os conceitos de mimese e cultura, de Gunter Gebauer e Christoph Wulf, que traçam um maravilhoso panorama de como estes itens constituem a cultura e o convívio social, para entender melhor a esfera, o meio, o contexto em que este corpo se insere. De que maneira isto acontece e quais são as consequências para o convívio social.

O terceiro capítulo faz a ponte entre os conceitos de corpo, imagem, mídia e cultura, trabalhando com a análise das imagens propostas destes corpos que passaram por algum tipo de modificação. São elaboradas as apresentações destes casos e como eles confirmam os conceitos e as hipóteses desta dissertação de forma didática.

O quarto capítulo trata da conclusão do trabalho.

Inicia-se então este trabalho, criado através de uma questão que merece foco para ser discutida e revisada, pois o conhecimento é altamente modulável e é isto que torna a pesquisa acadêmica plenamente evolutiva e instigante.

Capítulo 1

O corpo.

Pensar sobre o corpo exige profunda reflexão, pois pode ser visto de muitas maneiras, sob diferentes pontos de vista antropológicos, filosóficos, biológicos, biomecânicos,

bioquímicos, comportamentais, comunicacionais e assim por diante. Faz-se necessária uma assertiva delimitação de campos e de pensadores para tentar chegar á uma conclusão, que não se chega, apenas se constrói um dado pensamento ou ideia para que outro continue, pois é um pensar infinito.

Percorrendo pelo caminho da comunicação, filosofia e sociologia, o destaque para este estudo é conhecer o corpo através de um olhar virtual, não somente como um corpo vivo, recortado de seu ambiente para ser estudado e destrinchado, mas o corpo dentro do contexto social em que se insere, com todas as debilidades físicas, morais e psicológicas, pois este todo é que faz do corpo, o homem.

O dicionário define o corpo: “substantivo masculino, a substância física, ou a estrutura de cada homem ou animal, XIII. Do latim corpus” (CUNHA, 2010:182). Esta substância física é um suporte, um aparato, um recipiente de tudo que constitui o ser. É resultado da união de dois corpos, que o reproduziu, ou da união de duas células, que se fundiram, se subdividiram em milhões de outras que unidas, constituem os tecidos, os órgãos e todo aparelho biológico que compõe com maestria esta estrutura, criada pela obra da “mãe natureza”. Ganha o sopro da vida e desde o princípio é único. Uno, diante dos demais, mas mais um, diante das massas. Tem por natureza a fragilidade. Pode ser quebrado, arranhado, rasgado, perfurado. É altamente moldável e pode ser recriado a todo instante com muita facilidade. Mas, não só uma fragilidade física. Há ainda a fragilidade emocional a que se submete a todo instante pelos vínculos com o outro e consigo mesmo.

“Por um lado o corpo se cansa, é mortal, precário; por outro, é determinado como sexo, no duplo sentido de gênero (gender) e sexo (sex). É produtivo e reprodutivo, gera e acolhe, age e é dominado, submetendo-se de qualquer maneira ao assunto preliminar de estar destinado a perecer”.

(KAMPER, 2002:3)

O corpo passa por mutações desde o seu surgimento. Ele se desenvolve no útero da mãe, de semana a semana. Nasce e continua a se desenvolver, do lado de fora, até atingir a sua maturidade física. O modo como o usamos e as ações do tempo é que irão definir a sua duração. É assim com tudo que existe na natureza. Nasce, cresce, se reproduz e morre, ou se

transforma, em uma outra coisa. E com o corpo humano não poderia ser diferente, apesar de que desde o nascer, se luta contra uma única certeza, a morte. O que se recomenda então é ter um bom uso deste corpo, durante este período de existência, para ajudar na tentativa do homem de evoluir. Para que isto ocorra é necessário o contato.

O contato do corpo é feito em primeira instância, através dos órgãos do sentido. É através destes órgãos que ele estabelece a sua presença, a sua pertença. É o modo o qual ele cria e delimita o seu espaço, seu tempo, seus interesses, absorve do mundo o que lhe é interessante, e retribui á este mundo, com uma parte de si. Ele absorve cheiros, sons, imagens, toques e cria uma visão de mundo, através destes sentidos. Ele é a ferramenta de existência.

1.1 O corpo ferramenta.

O corpo é um veículo social. Através dele entramos em contato com outros corpos: objetos e humanos, animais e vegetais e estabelecemos relações. Os órgãos dos sentidos são pontes que ligam o corpo ao mundo. Partem deles, a comunicação humana. Segundo Baitello (2005) foi de grande contribuição para o campo da comunicação o trabalho de Ashley Montagu, antropólogo e anatomista sobre o estudo dos sentidos. Ele delimita os sentidos em dois grupos: Os sentidos de proximidade (Tato, olfato, paladar) e os sentidos de distância (Visão e audição). Os sentidos de proximidade, como o próprio nome diz, são aqueles que exigem o contato próximo com o objeto ou o corpo para se estabelecer contato. Segurar as mãos, acariciar, abraçar, beijar, cheirar, comer, sentir, etc. Já os sentidos de distância nos permitem estabelecer contato, estando longe do objeto ou corpo do outro, pois se pode ver e ouvir á certa distância de nós e isto depende da sua ruim ou boa funcionalidade.

À medida que o homem evoluiu, estes sentidos tiveram e deixaram de ter, mais ou menos importância para o estabelecimento dos vínculos com o mundo. Isto interfere drasticamente no modo o qual nós nos comunicamos, pois a comunicação começa e termina no corpo. De acordo com Pross (1971:128, apud BAITELLO Jr. 2001:3), “Toda comunicação humana começa na mídia primária, na qual os participantes individuais se encontram cara a cara e imediatamente presentes com seu corpo; toda comunicação humana retornará a este ponto”. A mídia primária se resume no corpo e suas linguagens naturais, verbais e não

verbais. Não só a fala, que é o principal instrumento, mas também as expressões corporais, as suas linguagens, que podem ser lidas nitidamente pela percepção dos órgãos do sentido do outro. Mesmo com a utilização de aparatos de comunicação, como telefone, carta, internet, e tantos outros meios, é pelo corpo que se inicia essa transmissão, e é um outro corpo que a recebe e decodifica, com sua percepção.

Com isto, pode se dizer que o corpo é uma ferramenta poderosa para a inserção do homem em meio ao mundo e à sociedade a que é apresentado, desde o seu nascimento, até a sua morte. Sem ele, isto não seria possível.

1.2 O corpo contato.

E como ferramenta de inserção na sociedade, é ferramenta de contato, de vínculos¹. Vínculos com objetos, homens, animais e tudo o mais que faz parte do nosso cotidiano e nos forma como ser, único. Cada corpo tem a sua história, com o seu conteúdo adquirido geneticamente, mimeticamente, etc. Tem sua própria maneira de agir e de se portar perante a sociedade. Interpreta a sua própria versão de tudo que adquire. Os objetos contêm uma informação latente. A partir do momento em que esta informação é acessada pelo ser vivo, já é atualizada.

“Qual corpo? A figura do quiasma plasmado pela história recente do homem ocidental: o corpo vivo e concreto é movimento, por ser movimento é tempo e memória, e por ser tempo é abstrato e fugaz; por ser fugaz, tem na sua própria materialidade seu maior obstáculo. (...) O corpo material é puro espírito, porque se constitui de história e histórias, de vozes do passado e do futuro, de arqueologias oníricas e de sonhos arqueológicos”.

(BAITELLO JR., 2005:58,59)

¹ Vínculo comunicativo: Etim.: vínculo, do lat. Vinculu, tudo o que serve para atar, ligar ou apertar, laço, nó, liame. Norval Baitello Jr. Propõe a importância dos vínculos para os estudos da Comunicação afirmando que: “... ‘vincular’ significa ‘ter ou criar um elo simbólico ou material’, constituir um espaço (ou um território) comum, a base primeira para a comunicação” (O animal que parou os relógios).

O corpo é constituído de matéria e espírito. Ambas, são altamente mutáveis, podem ser alteradas de acordo com a necessidade, ou vontade. E todo o aprendizado feito pelo corpo, através do tempo e espaço, é mimético. Por ser mimético, é absorvido pelos sentidos que o integram. “A palavra mimese caracteriza como os homens se comportam diante do mundo no qual eles vivem. Eles acolhem o mundo, mas não o vivem de forma passiva: eles respondem ao mundo com ações construtivas”. (GEBAUER; WULF, 2004:13). O corpo acolhe o mundo, pois aprende tudo com ele. Desde o princípio, os primeiros aprendizados que incorporamos como comer, caminhar, falar, são miméticos, são copiados dos adultos que nos cercam. Aprendemos principalmente através da observação dos que são nossos tutores. Primeiramente os nossos pais e o círculo mais íntimo, irmãos, avós, tios. E mais tarde, com novos tutores, como os professores, amigos, etc. Tudo é absorvido pelo corpo, que se apropria do mundo. Mais tarde, transformado em aprendizado e re-integrado ao mundo através de ações ou representações, construtivas ou destrutivas. Este passa a ser um saber prático, que é responsável pelo agir social.

Através do aprendizado mimético, o corpo se testa, o tempo todo. Usamos o corpo para muitas atividades diferentes e estas atividades podem ser de necessidades básicas, que são as de cuidar do corpo para que ele não pereça rapidamente, como ingerir alimentos e bebidas, higiene pessoal, o ato de se vestir, praticar atividade física, etc. E também por necessidades do ego ou sociais, como trabalhar, fazer passeios, estudar, dançar, ir á festas etc. Isto, se tratando de um indivíduo normal e saudável, sem barreiras físicas ou psicológicas que são casos que não tratarei aqui. Estas atividades são a fonte do nossa interação com o mundo e com a sociedade. Como disse Debray (1993:48), “O homem transmite e recebe através do seu corpo, de seus gestos, do olhar, do tocar, do odor, do grito, da dança, das mímicas, e todos esses órgãos físicos podem servir de órgãos de transmissão”. Fazemos isto o período todo da vida, até que a morte nos vença. E, transmitimos todo este conjunto de saberes aos nossos herdeiros, tal o qual recebemos de nossos tutores, com algumas modificações.

É claro que esta relação não se estabelece passivamente. Existem intenções do emissor e do receptor, em transmitir e em receber estes saberes. Como disse Bystrina (2009:7) “É claro que o receptor tem também uma intenção consciente ou inconsciente, mas ele também deve estar aberto aos estímulos que chegam até ele”. Do contrário, serão perdidos no tempo.

1.3 Corpo e Cultura.

“Entendemos por cultura todo aquele conjunto de atividades que ultrapassa a mera finalidade de preservar a sobrevivência material. Ela é constituída de coisas aparentemente supérfluas, inúteis.” (BYSTRINA, 1995:4).

Como vimos o homem não somente absorve o que lhe é ensinado durante a vida, mas ele devolve este aprendizado para o mundo com algo próprio, e isto torna o que foi aprendido, algo totalmente novo. Todas informações são adquiridas e transformadas. Cada objeto que conhecemos nos transmite a sua informação e com ela, nós fabricamos textos, pois a inserimos em nós para tentar conhecer o mundo, o outro, e interagir com este mundo e com este próximo. Estas informações, ou signos, são consultadas e construídas por códigos que existem em diferentes níveis. De acordo com Bystrina (1995:5) “Primeiramente são ativados os códigos primários. São códigos que regulam toda a informação presente no organismo, e, portanto, na vida biológica. O código genético é um deles; ele atualiza o homem, seus talentos especiais, seus dons ou seus defeitos.”

O código genético é uma descoberta incrível da ciência moderna, pois nos permitiu conhecer que, através dele, as informações genéticas são transmitidas de geração em geração, já atualizadas com as novas informações de adaptação corporal. Fazem parte do que Bystrina cita como códigos hipolinguais e são formados por signos informativos, de comunicação a nível celular, biológico, necessário para o perfeito funcionamento do corpo.

O homem tem sofrido mudanças de adaptação através das gerações e com isto, tem transformado o mundo a sua volta. Percebe-se através da história que somos - e temos muitos hábitos - cada vez mais diferentes dos de nossos antepassados. Sem dúvida o corpo evoluiu. Temos menos dentes, o crânio diminuiu de tamanho, temos menos pêlos, o andar se tornou cada vez mais ereto. O corpo se adapta ao ambiente em que vive e vai descartando, geração a geração, o que se torna desnecessário para aquele tipo de ambiente. A isto, chamamos da evolução de espécie. Parte destas adaptações ocorrem devido ao homem, desde o princípio, tentar se dar conta da sua existência.

Como diz Bystrina (1995:5)

“A única telenomia, portanto, seria a superação do medo existencial. E esse medo tem a ver com as variações do biótipo a partir das modificações ocorridas com a transferência da vida nas matas para a vida das savanas, onde o perigo vem de todas as direções vislumbradas do horizonte.”

Com a mudança do ambiente, o corpo se adaptou ao cenário; por conseguinte, os órgãos do sentido que se desenvolveram mais, foram os sentidos de distância, pois eram amplamente utilizados para detectar predadores, assim como, buscar fontes de alimentação.

Com o passar do tempo o homem criou o seu próprio sistema de códigos comunicacionais, e começou a se distinguir dos outros animais através da linguagem corporal e da fala que são os códigos secundários, ou linguais, de acordo com Bystrina. A criação dos idiomas facilitou muito a comunicação entre os humanos e, o seu desenvolvimento. O articular, se expressar corporalmente, e as falas, formam um conjunto distintivo que faz parte da cultura e contribui muito para o ensinamento e aprendizado mimético. Mas para o nascimento e desenvolvimento da cultura, foram necessários os códigos terciários, ou hiperlinguais, que também surgiram, através do medo.

“No início da cultura humana a oposição mais importante era vida-morte. E toda estrutura dos códigos terciários ou culturais se desenvolveu a partir dessa oposição básica: saúde/doença, prazer/desprazer, céu/terra, espírito/matéria, movimento/repouso, homem/mulher (...). Tais oposições binárias dominam com enorme força o pensamento da nossa cultura particular e o desenvolvimento da cultura em geral”.

(BYSTRINA, 1995:8)

Os objetos, os vínculos, as pessoas, todas começaram a ter um valor. Este valor é classificado como negativo ou positivo. No caso da primeira oposição binária ter sido vida/morte. Vida é um valor positivo e morte um valor negativo. A morte adquiriu este aspecto negativo e forte, perante a vida, pelo medo do que ela representa, a ausência, a perda.

Com o medo da morte o homem criou, imaginou, um pós morte, um ser, espírito, um lugar que, no imaginário, é real e transpõe a morte.

A capacidade humana de criar, inventar, inovar, renovar é o resultado do querer encontrar respostas á algumas perguntas que ele se fez/faz, durante a sua evolução e sua estadia na terra e no que ele chama de realidade, como a morte.

“O polo marcado ou sinalizado negativamente é percebido ou sentido muito mais fortemente do que o polo positivo. Portanto, do ponto de vista da preservação da vida, é sempre o polo negativo (a morte) que comemora a vitória. Esta é a assimetria: a morte é mais forte que a vida, na percepção comum. Por isto, em todas as culturas o homem aspira sempre uma imortalidade, ou seja, a vida após a morte”.

(BYSTRINA, 1995:9)

O fato de que, impinge-se uma força maior á morte do que á vida constitui uma assimetria, que só é superada com a criação da segunda realidade, com a criação do ser eterno, espiritual. A segunda realidade é criada para servir de cura para o mal existencial e é tardia, foi constituída após o nascimento da linguagem. Não se pode falar de segunda realidade, sem conhecer que é constituída primeiramente dos códigos primários e secundários. É preciso o aparelho fonador para a fala e dos órgãos do sentido para a criação da segunda realidade. Ela é produzida materialmente no corpo.

Com todo este conjunto de códigos, primários, secundários e terciários o homem é formado pelo mundo ao seu redor. A bolha que o circunda é repleta de informações, signos, códigos e estes códigos que regulam a maneira de agir, de se portar em determinadas situações, de interagir com diferentes pessoas, de diferentes etnias, personalidades e com costumes e culturas diferentes. O nosso mundo é repleto de vivências que nos tornam únicos e ao mesmo tempo, pertencentes ao uno, ao todo. É um mistério filosófico amplamente discutido, mas não cabe a este trabalho tal contribuição. Estamos o tempo todo vivendo, aprendendo, interagindo com este mundo. Conhecer sempre mais, até que a nossa estadia acabe.

1.4 O corpo e a morte.

É inevitável tratar do assunto da morte, dado que é a nossa única certeza. É o nosso caminhar. Estamos sempre em sua direção. O homem, tenta criar barreiras e desvios para a morte, mas ela sempre chega. É uma batalha, sem fim, onde até os dias de hoje, houve somente um vencedor. Ela tem um poder sobre-humano e por isto é perturbadora. O corpo entra em estado de objeto, fica inanimado; Perde os sentidos; Se desliga; E parece, se decompõe; Volta ao pó; Deixa de estar, não tem presença. Entra no esquecimento, ou na saudade dos que tiveram contato. E quem quer morrer? Morrer implica uma série de coisas, de sentimentos, de confusões. Interrompe um ciclo, quebra a realidade e nos leva a criar Deuses, ritos, mitos, etc. Ela potencializa a característica mais humana, mais distintiva dentre os outros seres vivos. A imaginação. Ainda concordando com Bystrina, (1995:9) “Todo o ser vivo possui uma tendência potencializada para a preservação e a permanência, enfrentando as adversidades que ameaçam esse objetivo”.

O tratamento do homem com a morte, também nos diferencia entre as espécies e os grupos culturais. O cuidado com o corpo do morto, de não somente o deixar em algum lugar jogado, até a sua putrefação, mas em se realizar um funeral designa o medo. O medo da perda do ente querido, o medo de se juntar a ele e com isso, a perda da individualidade, pois vendo a morte se percebe que todos estão no mesmo caminho, juntos. Perante a morte, somos todos iguais. E quem quer ser igual? Um ritual, criado para lembrar o morto, os sentimentos de condolências é parte da criação do homem, de um outro mundo, que existe somente na órbita do imaginário e que, por sua vez, é uma resposta á a grande questão da vida. Para onde iremos após a morte? “Entre nós, um cadáver humano não se trata dessa maneira. Já não é um ser vivo, mas também não é uma coisa. É uma presença/ausência; eu próprio como coisa, ainda meu ser no estado de objeto”. (DEBRAY, 1993:29).

O ritual fúnebre faz parte da cultura, dos textos culturais, que são parte da segunda realidade e foi observado que é muito antigo, vem de nossos ancestrais. “Os mais distantes vestígios de textos culturais aparecem nos restos e nos ritos de sepultamento. Sabemos, por exemplo, que o homem de Neanderthal depositava flores em seus túmulos, pois ainda encontramos pólen dessas flores, como acontecido na Turquia”. (BYSTRINA, 1995:4).

O corpo então tem uma importância inestimável, tanto para o seu portador, quanto para os outros corpos que interagem com este, como a família, os amigos, etc. É tão importante que mesmo sem vida, ainda é presença e se tenta fazer com que essa presença dure o quanto puder. Por isto das cerimônias fúnebres. Acontece que com a morte, o corpo entra em estado de putrefação, rapidamente. E o primeiro sinal, é a perda da coloração natural da pele, seguido do mau cheiro, característico. O corpo entra num processo de se desfazer, desmaterializar, automaticamente e não há ainda nenhuma técnica criada que impeça este processo de acontecer, apenas o retarda, como o embalsamamento, ou o acelere, como a cremação. Sem querer discutir tais técnicas, o importante é considerar que o homem, tenta retardar a morte. E quando ela chega, retardar o seu processo de putrefação com os rituais.

1.5 O corpo quer perdurar.

Se o homem, desde o princípio, luta contra a morte, impõe e cria obstáculos e barreiras para tentar superá-la e vencê-la, pode-se dizer que ele trava uma luta interminável contra o tempo.

Quando o homem impôs as mãos na tinta, e aplicou a mesma sobre as paredes das cavernas, deixando o seu rastro, sua marca; Deixou ali uma parte de si mesmo, que perdurou. Deste desenho na parede, da sua mão, nasceu o signo. Aquilo era uma parte dele, afirmada. Qualquer outro homem que olhasse para aquela marca na parede, saberia que pertencia a um outro homem. E que aquele local já era habitado, já era controlado por algum homem. Aquela marca o representava e era o sinal da sua presença, mesmo que o corpo perecesse, a marca ficaria ali, para sempre, mostrando a sua imposição e sua importância para o mundo. Ali, nasceu a segunda realidade.

“É na segunda realidade do homem (...), que os vetores temporais divergentes atuam. São eles, conforme vimos acima: a) Criar, transmitir e manter o presente no passado e no futuro; b) criar, transmitir e manter o futuro no presente e no passado. A primeira transgressão ocorre quando se projetam textos, fatos e símbolos presentes tanto no futuro quanto no passado”.

A imagem arcaica da mão, na parede da caverna, tem essa representação signica. Ela é capaz de manter o presente no passado e no futuro, pois ela carrega essa temporalidade na sua permanência ali. Desde que não seja destruída ou apagada. A parede é o aparato que segura aquela imagem, em segunda dimensão, mas que define um homem, que é um ser em terceira dimensão. Não só o homem que a colocou ali, a qual pertence, mas á tantos outros traços como domínio do local, presença, etc. Aquele símbolo é complexo e cheio de valores, que são também binários e tem os seus opostos. Com as descobertas arqueológicas modernas, pode-se conhecer o passado do homem, habitante destes ambientes, através destas imagens, que perduraram e trazem consigo este passado, para o presente e para o futuro. Deste começo, surgiram muito mais signos, com muito mais significados, usando até mesmo o mesmo aparato, as paredes.

Se fizer uma viagem histórica, ao antigo Egito, pode-se perceber claramente a relação entre estas imagens, signos nas paredes, pintadas agora com uma intenção muito peculiar, já remetendo ao nascimento da imagem, com a morte do corpo. “Mas no Egito, em Micenas ou Corinto, as imagens postas a salvo deveriam ajudar os defuntos a prosseguirem suas vidas normais, ao passo que nós devemos interromper as nossas para visitar nossos mausoléus”. (DEBRAY, 1993:22). Os antigos faraós egípcios mandavam que sacerdotes inscrevessem nas paredes dos seus aposentos reais, e tantos outros locais, textos que conhecemos como hieróglifos e imagens aos Deuses. Imagens de si, com os Deuses. E principalmente nos seus túmulos, o cuidado era ainda maior. Sabe-se que as inscrições das câmaras funerárias eram muito especiais e escolhidas com cuidado, pois representava a vida após a morte do faraó.

Sem aquelas imagens no local, ele seria incapaz de se encontrar com os Deuses e se juntar a eles, vivendo para sempre ao seu lado. Aqui é clara intenção de perdurar, de viver para sempre, mesmo depois da morte. De vencer a morte. Esta fantasia, este sentimento de paz, calma da certeza de vencer a morte, criado pelo homem pelo poder do imaginário, da imagem que permanece, dá continuidade á sua existência e o consola. E como já foi dito, a segunda realidade foi criada justamente como um consolo para o homem. Não existe mais fim. O fim, se torna uma barreira imposta para uma outra realidade.

A imagem então passa a representar o corpo, o homem e por conseguinte, este vive. Mas até mesmo a palavra representação tem o seu significado fúnebre. O dicionário define representar: “ser a imagem ou a reprodução de, patentear, significar. XIV. Do latim,

repraesentare”. (CUNHA, 2010:558). Ser a imagem, que é incorporada, neste corpo que a representa ou, no objeto que a representa. Ser a reprodução. E vai além, “Representar é tornar presente o ausente. Portanto, não é somente evocar, mas substituir. Como se a imagem estivesse aí para preencher uma carência, aliviar um desgosto”.(DEBRAY, 1993:38).

Ali jaz o corpo, morto, sem vida. Mas que representa a presença do que era antes vivo. A sua imagem. E esta sim, permanece. Por conta da comprovação da imagem como representante do objeto, ou do corpo, ou do homem, ela nasceu e se desenvolveu muito rápido, pois tinha um poder imenso, que é o poder de transpor o tempo.

O tempo já não tem mais significado para a imagem, é uma barreira quebrada. E quem cria a imagem é o corpo. O corpo que deixa os seus rastros pelo tempo e pelo espaço, pois o homem tem a necessidade de se apropriar do espaço e do tempo, ter um controle sobre tudo, para tentar entender a sua existência. As imagens passaram a ser parte da sua linguagem e da maneira de se comunicar com o mundo e com os outros homens.

Deixar o seu registro na parede da caverna, fez com que surgissem, à medida que evoluímos, novos aparatos que serviam para o mesmo fim, como o papel, as telas, os tecidos. O homem então começou a desenvolver objetos que poderiam manter estes registros intactos pelo maior tempo possível, e isto ocorre até os dias de hoje, principalmente com a vinda da tecnologia, após a revolução industrial e o surgimento da mídia. A fala e a linguagem, a cultura oral, pode ser passada de geração em geração, mimeticamente, mas ela se perde, se for esquecida ou deixada para trás.

Já os aparatos têm, dentre outras funções, essa função de permanência, de registro, de manter as informações que queremos que perdure sobre o tempo. Para se fazer presente, mesmo ausente, o homem criou os meios de comunicação, os aparatos de registro da sua presença. Vieram primeiro através da escrita - como os livros, revistas, jornais; Como forma de ouvir - como aparelhos de gravação de voz, o rádio, o telefone - e também, aparatos de imagens - como livros, revistas, telas, e por conseguinte, fotografias, cinema, televisão e assim por diante. Não passam de aparatos para o registro da história do homem. Estes aparatos permitem a sobrevivência destes registros e então, a sobrevivência do homem, que perdura nestes registros, trazendo à tona a sua memória, a sua existência e vencendo a morte.

Num mergulho mais profundo, retomando o começo da vida da imagem, com a mão sobre a parede da caverna, existe ali uma experimentação que transcende o sentido do simples aparato. Antes de aplicar a palma da mão na parede, para deixar ali o seu rastro, o homem a introduziu na tinta. Ele sentiu a tinta, com a sua mão, com o tato, com a sua pele. A primeira marca deixada naquele momento foi a da tinta na pele. E como é importante saber que o homem se conheceu e se sentiu, sentiu o seu corpo, primeiramente através da sua pele, de seu toque. Tocar o próprio corpo nos faz sentir que existimos e nos remete a um novo sentido.

Saber que a tinta marcou a pele, primeiramente, nos traz á tona um novo sentido observado e que é tão importante quanto os outros, o sentido de propriocepção². O homem se vestiu do corpo, sentiu o mundo a sua volta com o corpo e através dos sentidos, passou a conhecer a si mesmo. A propriocepção nada mais é que o sentido de se perceber como corpo, como homem. Sentir que controla este corpo, controla os movimentos do corpo, controla os pensamentos deste corpo. A sua localização espacial, o equilíbrio, o funcionamento em conjunto dos músculos, ossos etc. É como um vestir-se de si mesmo, de se apropriar. Apropriar vem de próprio, do latim *proprius*, que significa privado, de si mesmo. É o próprio ato de pertencer-se. Ao saber que é dono de si, dono de seu corpo, o homem pode se revestir deste ser e fazer dele, o que bem entendesse. E assim o homem revestiu o seu corpo de cultura.

Como o corpo, como já dito anteriormente, é frágil, ele passa por uma série de modificações ao longo de sua evolução. Ele cresce, se desenvolve até atingir o estado de maturidade. Mas, também sofre marcas do tempo. Machucados, cortes, queimaduras que fazem aparecer cicatrizes, que são marcas que podem ser eternas. O corpo é coberto por marcas e estas marcas também nos tornam únicos. São pintas, sardas, cicatrizes, deformidades e etc. Estas marcas fazem parte do nosso cotidiano e também, são parte da cultura, pois podem ter significados. O homem sempre teve esta condição de atribuir significados, muitas vezes criados, imaginados para as marcas que ele deixa. E estas marcas, também são repletas de valores, positivos e negativos, dependendo da cultura a que estão inseridas.

Mas, o homem também faz marcas. Cria marcas no seu próprio corpo, e atribui a estas marcas significados culturais. Como por exemplo, os desenhos tribais de tinta sobre os

² Propriocepção: Etim.: do ingl. Proprioceptive, capaz de receber estímulos vindos do interior do organismo. A partir de um conceito elaborado por Sir Charles S. Sherrington (1857-1952). Acepção. Propriocepção é a sensibilidade própria dos músculos, ligamentos, ossos, em oposição à sensibilidade tátil (exteroceptiva) e à visceral (interoceptiva).

corpos que cada tribo atribuía um determinado significado, de acordo com as cores, ou com o número de traços, linhas e pontos. São desenhos que o homem criou para revestir o corpo de cultura. Numa exemplificação mais atual, as tatuagens, escarificações, cortes, piercings, e tantas outras marcas que fazem parte deste corpo moderno e que o define, dando a ele uma personalidade diferente da sua natural.

“Para Strauss (1989:158) é provável que, antes de marcar nas pedras e em outras superfícies, o homem tivesse feito perto das mãos, na própria pele. A escrita do corpo humano pode ter sido “um ato social primitivo”, segundo o autor”. (STRAUSS in FRANGE, 2004:24). Isto nos sugere que as modificações corporais eram praticadas a milhares de anos e que também nos foi ensinada, através do aprendizado mimético. As modificações corporais foram responsáveis pela criação da aparência e da importância desta aparência do corpo, como parte do vínculo e do agir social. Se nos comunicamos através do corpo, nada como usar o corpo como forma de comunicação, no caso, visual. Mas deste assunto, trataremos nos capítulos posteriores com maior afinco.

E como toda comunicação começa e termina no corpo, o corpo passa a ser também um aparato de comunicação visual, através destas marcas. Ele deixa em seu corpo, na sua pele, registros da sua cultura, do seu grupo social, da sua identidade, do que ele quer transparecer. Todas estas marcas e reconfigurações do corpo são impostas pela criação e nascimento do imaginário, e com isto, são impostas pela imagem.

Capítulo 2

A Imagem.

Do contato com a mão na tinta, da fricção desta mão na parede, a imagem. O desenho de uma mão, na parede da caverna que representa aquela parte do corpo e, mais do que isto, a presença do corpo, do homem naquele espaço. Mas a imagem não se faz apenas externamente, em uma pintura rupestre. Ela está presente, continuamente em nós, dentro e fora de nós, desde o nosso princípio, desde o princípio de tudo. Engana-se quem acredita que a imagem é tão somente o que se pode ver, pois, a imagem nasceu primeiro dentro de nós, na órbita do imaginário. O cego também vê e produz imagens, a partir dos seus outros sentidos. E isto não significa que tenha menos detalhes ou cores que as de uma pessoa que possui o sentido da visão. E não sejamos egoístas em pensar que somente o homem produz imagens, os animais também o fazem. Eles também são providos dos órgãos dos sentidos, mas vou me ater somente nas imagens produzidas pelo homem.

Um bebê, que possui os sentidos completos, dentro da barriga da mãe, já consegue produzir imagens. Pelos sons que ouve, a voz da mãe, o contato da pele, ele já consegue distinguir e identificar o que está a sua volta. Já começa a imaginar. Baitello Jr. (2003) em um texto sobre imagens, cita Hans Belting (2007) e seu conceito de imagens endógenas e exógenas. As imagens endógenas são justamente estas imagens que criamos dentro de nós, que estão presentes no nosso interior, no imaginário, no sonho, e reverberam, se transformam em novas imagens, através do processo do pensamento. Até mesmo os cheiros, os sabores, os contatos, nos provocam uma intenção que cria uma imagem, não somente o que vemos. E ao querer transpor esta imagem mental para fora, é que surgem as imagens exógenas, as imagens que povoam o nosso mundo. É lógico que, em se tratar de matéria da ‘criação’, como a natureza, não é uma criação do homem, a sua imagem já estava lá presente e nos foi posta para ser vista, tocada, sentida, etc. Contudo, é uma imagem externa, exógena, que ao penetrar no nosso corpo através dos sentidos, cria uma imagem endógena. É um ciclo, que ativa o imaginário, a criatividade e estas imagens são fontes dos textos culturais. A partir deste conceito, percebe-se que imagem não é somente o que vemos, com nossos olhos. Vai muito além. E ao aprofundarmos os pensamentos, percebemos que elas não tem nada de inocentes.

2.1 Nascimento da imagem

Como já foi dito no capítulo anterior, a imagem nasceu da morte. Do desejo do homem de ultrapassar, de vencer a morte, de ser imortalizado em um momento, em um suporte e ser eterno.

“Kamper acredita que as imagens nos protegem do medo da morte, o que as faz ligarem-se aos desejos de imortalidade. A primeira imagem, diz ele, é a arcaica, ela surgiu do medo da morte, ou melhor, do medo de ter de morrer sem ter vivido, muito tempo antes de ter surgido a consciência nos homens. Protegendo-nos do medo da morte, elas remetem a um desejo de imortalidade, ao desejo que aspira a eternidade e que se desloca para as imagens”.

(MARCONDES FILHO, 2007:155)

Para tanto, o homem quis escrever no tempo a sua história, a sua lembrança e com isso, a imagem ganhou dimensões antes inimagináveis, hoje, até mesmo catastróficas.

Da necessidade de superar o medo da morte, surgiram as imagens dos Deuses, antes, endógenas. O homem as criou na segunda realidade e depois, transpôs para as paredes dos ricos sarcófagos e demais. Mas não eram mais que imagens de si mesmo, talvez distorcidas, incrementadas, que representassem este corpo e sobrevivessem sobre o tempo. É uma presença, ausência. Está ali, mas não é o corpo. Está exposta, mas precisa do olhar, para existir.

Num primeiro momento, observou-se a sacralização da imagem, pois as pinturas eram criadas para representar os Deuses, e os faraós eram assim considerados. Eles criaram esta imagem de que, se a imagem que representava o seu corpo, o seu ser estivesse posta junto às imagens dos Deuses nas pinturas dos túmulos, assim, aconteceria que sua alma se reuniria aos Deuses após a sua morte. Eles seriam levados aos Deuses e lá viveriam para todo o sempre. E hoje em dia, as religiões, principalmente a religião católica, se utiliza das imagens para garantir a permanência de Deus e dos santos, dentro do espaço da igreja. Os próprios papas, o grau superior de membro da igreja, também tem a sua imagem pintada em quadros,

que permanecem perto das imagens de Deus, de Jesus e dos santos, dentro das igrejas. Estes ícones, objetos que representam as imagens destes santos, remetem á ativação da memória, da lembrança do seu passado e da sua presença até os dias de hoje, sendo eternizados, e mais que isso, adorados como Deus e como os seus santos. São exemplos de conduta e performance para se chegar aos ‘céus’, ao outro lado. É a lembrança do que se deve ser para vencer a morte.

Daqui nasce uma questão interessante também. É tão preocupante a permanência da imagem, para vencer a morte, que o corpo, passou então a receber os banhos de embalsamento, que, da manipulação química, se descobriu que ajuda o corpo a resistir a força do tempo, demorando até mesmo milhares de anos para se deteriorar, se isto acontecer. E novamente, embalsamar o corpo, para manter a presença, era um ato sagrado, pertencente somente aos faraós e familiares. Eles embebiavam o corpo destas misturas e depois em faixas, em sarcófagos e todo aquele ritual mágico, fazia com que o espírito que habitou o corpo, fosse para o outro mundo, o mundo dos Deuses.

É importante ressaltar, pois podemos perceber que também, desde o tempo dos faraós, já se tinha a necessidade de tentar manter o corpo estável, como uma estátua de pedra, mas que a sua presença estivesse ali, perdurando para todo o sempre. E hoje nós ainda fazemos isto. Tentamos congelar os corpos para que eles permaneçam no estado que queremos, com a ajuda das cirurgias estéticas. O homem descobriu então, muito cedo, que conseguia manipular o corpo e partindo disto, criou tantos elementos para moldar este corpo, como as vestimentas, a moda, os produtos de beleza, as pinturas, os calçados. Não feliz em criar tantos acessórios para si mesmo, criou acessórios para revestir também o mundo, numa tentativa de também, sobrepujar este ambiente á sua vontade. Ser superior á natureza, aos espaços, preenchendo-os com casas e coisas, aos animais, domesticando-os, e modificando o ambiente á sua volta, para ser seu dono e pôr um véu no seu medo eterno de questionar a sua existência, de questionar a morte.

A imagem, o imaginário, a cultura, se desenvolveram e se desenvolvem ainda, criando textos, se reproduzindo mimeticamente e persistindo em existir. O homem criou ferramentas e maneiras corretas ou incorretas do seu uso. Criou os códigos, de conduta, de vestimenta, de saber, e que se modificam em cada geração, atualizando sempre. A criança quando nasce, aprende mimeticamente a caminhar, falar, comer, e como se comportar, de acordo com os costumes dos seus familiares. A medida que cresce, passa a aprender outras

coisas nas escolas, com os professores, colegas etc. E aprende que, pode tomar suas próprias decisões. Aprende o sentido da individualidade perante o coletivo e vice-versa. Com isto ele passa a criar a sua própria imagem e cultivá-la, a moldar o mundo á sua volta, á sua maneira. Ele molda seu jeito de vestir, de falar, de se alimentar, de se relacionar, de conviver em sociedade. Mesmo que estas modificações sejam sutis, mas tornam cada ser único. Desta necessidade de moldar o seu ambiente e o seu corpo, nasceram as modificações corporais, as intervenções estéticas, que aprofundarei mais adiante.

2.2 Aparatos

Do nascimento da imagem, foram criados os aparatos/suportes das imagens. A fotografia, por exemplo. É um modo de congelar a imagem do corpo, daquele determinado momento em um pedaço de papel. A partir do momento que a fotografia foi revelada, e está ali a representação dos corpos, ou de outras imagens, ela já é passado. Mas, este passado se arrasta pelo tempo, pelo tempo em que este suporte sobreviva, pois as coisas/objetos também tem validade, se deterioram com o tempo e perdem sentido a medida que a tecnologia avança, trazendo mais suportes diferentes, com maiores capacidades de armazenamento e durabilidade. O suporte tem somente esta função, a de armazenar um conteúdo.

O homem então, à medida que avança a modernidade, cria novos aparatos para as imagens. Revistas, jornais, televisão, internet, outdoors, e tantos outros meios de expor a imagem. E ele passa então a manipular as imagens. Mas, para que esta imagem sobreviva, ela precisa de ter um valor, um significado. “Quando portam valores, elas sustentam os vínculos entre o homem e suas raízes culturais e históricas” (BAITELLO JR. 2005:15). Se não possuem este valor, se esvaziam, perdem o sentido, não são mais ativadas, são esquecidas. A partir desta ideia, vemos que a vitalidade dos símbolos dependem do seu valor e do seu contexto, a que se vê inserido. O homem então, não modifica um objeto apenas por fazer, mas para que ganhe um significado, tenha um sentido. Assim, o mesmo homem também manipula a sua imagem, a fim de que esta tenha um sentido, represente algo a que ele quer parecer, inserido no contexto social.

Voltando a questão do aparato/suporte, tomando novamente a fotografia como exemplo, quando aquela fotografia, aquele papel fotográfico se deteriora, não há mais o que se fazer. Os aparatos são finitos também, assim como os corpos. Mas o homem, com sua inteligência e lógica, também conseguiu fazer com que este problema fosse resolvido rapidamente, através da reprodutibilidade.

2.3 Cópias

A demanda por quantidades cada vez maiores de produtos fez surgir com a era moderna, as cópias. Se um acabou, faz-se outro. Faz-se novos. Cópias idênticas do original. Do mesmo modo, uma imagem, pode ser copiada, infinitas vezes, para ser cada vez mais vista, por cada vez mais pessoas. Como formula Baitello Jr. (2005), as pessoas são a porta de saída e de chegada das imagens. É através das pessoas que elas se transportam para outras. E isto pode-se observar arduamente hoje em dia com o fenômeno do compartilhamento, principalmente nas redes sociais. E não tão somente o ato de se compartilhar a imagem, mas o de contabilizar quantas vezes esta imagem foi compartilhada com o outro. O número de vezes que essa imagem é transferida ganhou uma importância enorme, um peso, um valor.

“Em seu percurso de interiorização e exteriorização, via que deveria ser naturalmente de mão dupla, as imagens tem apenas uma chance de alcançar o status de vida: quando elas buscam nos olhos de seus espectadores a profundidade perdida” (BAITELLO JR. 2005:49). Por isto, com a reprodutibilidade, as imagens é que nos procuram. Os papéis se invertem. Devido a quantidade excessiva de cópias, nós já não precisamos ir atrás das imagens, elas vem até nós. E elas precisam do nosso olhar, para não se perderem no esquecimento o olhar é o seu alimento.

Por isto, pode-se perceber que os olhos se tornaram tão importantes, insubstituíveis para se viver na era da imagem. Os outros sentidos perderam a importância para o sentido da visão, que é a janela/porta pela qual nos penetram as imagens exógenas. A maior urgência e necessidade da imagem, é ser vista. Ela nos procura e quando pensamos que nós a vimos, ela já havia nos tomado anteriormente para si, roubando o nosso tempo. Ela tem vida própria, o mundo próprio, o imaginário, o mundo das imagens. “As imagens dispensaram

o mundo, dispensaram a realidade e se estabeleceram como seres auto-suficientes e independentes” (BAITELLO JR. 2005:76). E as máquinas contribuíram para que a reprodutibilidade se tornasse cada dia maior, gerando a exacerbação de imagens. O mundo está contaminado pelas imagens, e nós, fomos contaminados por elas e seguimos a sua vontade.

“ Sempre será necessário que as imagens geradas na mente emirjam á superfície, não importa se traduzidas em som, palavras, cores, volumes, objetos, desenhos, o que importa é que elas venham á tona para se transferir para outros, para vincular, para criar pontes com outros seres”.

(BAITELLO JR. 2005:71)

Elas passam assim a serem habitantes deste mundo, a dividir os espaços do mundo com o homem. E se tornaram, através de seus suportes, cada vez maiores, mais impactantes e cada vez mais visíveis, postas a serem vistas.

2.4 Corpo, imagem e mídia.

E no reino das imagens, o corpo também ganhou o seu papel. Como a imagem quer ser um resultado perfeito, através da mídia e do modo como se escolhe expor a imagem, o corpo passa a ter uma referência.

Do medo da morte, o homem criou o imaginário que vence. A imagem deste homem, que perde o corpo físico e entra no mundo dos Deuses, que é perfeito. A partir desta ideia, as imagens que se criam, internamente, no homem, sobre o corpo, são transpostas na maneira a que o corpo deve corresponder fisicamente no mundo real. Se nos atentarmos aos pares de oposições binárias, veremos que esta imagem de corpo segue o padrão de vencer a morte, portanto ele deve remeter á saúde/doença, força/fraqueza, perfeição/deficiência, juventude/velhice, tenacidade/morbidez. O corpo perfeito, saudável, forte, jovem, rápido, musculoso, representa a imagem do que é durável, do que é necessário para ser eterno. E é

este corpo que chamamos de corpo mídia, pois é utilizado pela imagem para vender a eternidade a nós mesmos, nas palavras de Cleide Campelo (2003).

Desta imagem do corpo perfeito, deste sonho do corpo é que surgiu o corpo mídia. E como no reino das imagens, sabemos que elas tem dois lados, o que aparece - o que quer ser visto - e o que ela esconde. Ambos fazem parte desta oposição necessária e aparecem sempre unidos. O que quer ser, se mostra, mas também, mostra o que não se deve ser. Apesar de que a leitura desta face oculta da imagem pode ou não ser percebida pelo indivíduo capturado pela imagem.

“O que molda o corpo mídia é a ideologia que povoa o imaginário do homem contemporâneo a respeito de seu próprio corpo. A publicidade representa um corpo que o corpo biocultural deve desejar, mesmo que não tenha razões históricas para isso”. Disse Campelo (2003:40,41). Não pretendo abordar aqui o tema do consumo e da publicidade, mas na questão da imagem, podemos perceber claramente esta relação do que o ‘corpo sonha ser’, a imagem do perfeccionismo. Da necessidade de superar a morte, o corpo quer ser um corpo perfeito e pleno e cria esta imagem. A imagem endógena, passa então pela necessidade de emergir, de ser exógena. E então são transpostas em suportes para serem vistas, desejadas e transmitidas para outros olhares – e aqui a mídia se encarrega disto - criando aí um texto cultural, com os códigos e maneiras do que se pode e se deve ser. Esta imagem se transforma numa idealização, no que é o ideal. A imagem do corpo ideal. Do corpo do sonho.

Parte-se do princípio lógico de que esta imagem cabe naquele contexto social, determinado por um espaço-tempo, dentro de uma cultura, pois as imagens se modificam sempre de acordo com o imaginário, que não pára, reverbera. “O texto corpo ideal está presente em todos aqueles que participam de uma dada cultura: e o paradigma deste corpo ideal estará mudando suas fronteiras em tempos e espaços diferentes”. (CAMPELO 2003:43). Isto acontece porque as imagens, ao se reproduzirem, também passam pelo processo mimético e, portanto, são recicláveis e reutilizáveis. Acontece que uma imagem se apropria de outra para criar uma nova imagem, mas esta, não é repleta de novidade. É justamente uma reprodução, pois as imagens são altamente moduláveis, flexíveis e adaptativas, por isto nunca perdem chances ou espaços entre nós, estão sempre presentes. Uma imagem que se apropria de outra para ser nova, gerando então imagens em série, repetitivas.

Ao seguir este conceito de apropriação das imagens, pode-se dizer que o corpo então pretende/sonha ser outro corpo, assumindo uma outra imagem, pois a imagem que o corpo sonha pare(ser) já não é a imagem do corpo biocultural e sim a imagem do corpo da mídia, pois evoca a perfeição e com isto, a imortalidade. Mesmo que este corpo, independente de assumir uma nova imagem, ainda seja finito.

“Desde logo, o corpo como objeto de estudo, apresenta-se de dois pontos de vista: o corpo biocultural – visto aqui como o corpo vivo do homem contemporâneo – e o corpo-mídia, corpo criado pela publicidade como suporte sógnico para o que se pretende anunciar. É possível que, desses dois corpos, um terceiro já esteja emergindo: o corpo-desejo de ser corpo, que o corpo biocultural sonha a partir do modelo (corpo-mídia) que a publicidade projeta como o ideal do corpo”.

(CAMPELO, 2003:38)

O que acontece é a criação de um caminho a ser percorrido, desde o princípio da imagem. Ela quer ser imortal. Ela se mostra sempre como o mais perfeito e imortal. Por se mostrar sempre sem defeitos, também mostra o seu lado obscuro, que é o do que não se pode ser, por trás do deve ser, na sua sombra. Esta sombra causa o que o mestre em teoria da mídia, Harry Pross (1997) chama de déficits emocionais, pois o corpo biocultural percebe que não é perfeito como a imagem projetada e tenta alcançar esta perfeição. Com isto, a imagem é que reina, que dita o que pode/não pode. E o corpo então dá o seu jeito de ser- pare(ser) com a imagem.

O imaginário passa então a controlar e tomar posse do corpo e com isso surgem os acessórios, maquiagens, tinturas, colares, saltos, e muito mais do que isto. Objetos criados para fazer alterações ainda mais drásticas com o caminhar da evolução, como os corseletes que ajudam a afinar as cinturas das mulheres com o uso contínuo, furos nas orelhas para brincos. Em seguida, as marcas na pele, tatuagens, piercings, e muito além, com a criação e desenvolvimento das cirurgias estéticas. Tudo isto - deixando de lado as modificações por conta de rituais simbólicos - na tentativa de moldar o corpo para que este se pareça cada vez mais com a imagem.

Nesta busca pela perfeição, a imagem vence e toma posse do corpo. E o corpo então, já não é mais corpo, é imagem. É suporte da imagem. Se reduz a um suporte que precisa ser atualizado sempre. O que ocorre é o nascimento de um novo tipo de corpo, o corpo morto-vivo, uma mumificação, congelada no tempo, perde-se o sentido de própriocepção, passa apenas a sustentar a imagem perfeita. A imagem que devora o corpo, na era da iconofagia.

2.5 Iconofagia: a morte do corpo.

“Morte e sexualidade representam ainda as duas fraquezas fundamentais do corpo, cargas de angústia primordial. Historicamente, para dar adequada resposta a ambas existe uma única estratégia da civilização: a transformação do corpo (transitório) em imagem (eterna)”.

(KAMPER, 2002:3)

A imagem tenta roubar o corpo para lhe servir de suporte. Isto acontece por causa da fuga do corpo. De acordo com Pross (1997), a todo o momento que tentamos nos relacionar com as imagens, elas nos causam déficits emocionais que nos fazem querer fugir do próprio corpo, deste corpo imperfeito. Por isto, a estratégia da civilização é a transformação deste corpo, para que esta fuga não seja necessária. Mas, a fuga acontece, a todo o momento, mesmo que não se perceba. A fuga do corpo para a imagem. Ao se transportar para o imaginário, para a segunda realidade, o que acontece é a busca neste eterno arquivo de imagens pela imagem ideal que cabe para o corpo. E ela se transporta para o corpo. O ser se perde no reino das imagens e elas é que reinam absoluta nos corpos, na primeira realidade. Um exemplo é adquirir um produto, como um perfume ou uma roupa de determinada marca, após se ter visto uma propaganda. O que se compra, não é a fragrância do perfume ou uma calça, mas os valores que são embutidos na imagem do produto, como sexo, beleza, felicidade, e assim por diante.

Baitello Jr. (2005) Descreve o que acontece com estas imagens em seu conceito de iconofagia. Primeiramente, as imagens, através da reprodutibilidade, consomem outras

imagens para se tornarem novas, e estar sempre presentes. Quando as imagens devoram outras imagens para continuar a sua existência, é chamado de primeiro degrau da iconofagia. Então o que acontece é que nós passamos a consumir estas imagens. Um bom exemplo são as imagens dos hambúrgueres que quase nunca correspondem ao alimento real. Mas nós consumimos esta imagem, através do olhar, que nos apetece e nos faz então adquirir o produto real, mesmo que o mesmo não corresponda á imagem e seja apenas verossimilhante. Isto acontece perfeitamente no mundo da moda e das cirurgias estéticas, principalmente através da mídia. A criação dos ídolos, dos Deuses olímpianos, como são chamados por Morin (2006) a que percebemos, são as imagens a que o corpo consome, para ser eterno, para estar junto aos Deuses. Interessante destacar aqui que o sonho do corpo de perfeição é altamente modulável e muda culturalmente, e de época em época, de local para local. Como já tivemos Marilyn Monroe, e temos hoje Gisele Bündchen, James Dean e Richard Gere. Todos corpos, transformados em imagens a serem consumidas por nós, do desejo do nosso corpo em ser outro corpo, lindo, perfeito, eterno.

Este é o segundo degrau da iconofagia, os corpos que devoram as imagens. E vai muito além, pois o que ocorre posteriormente é que os corpos, assim que lhes são atribuídas as características físicas das imagens correspondentes, ou, assim que estes corpos são modificados e que realmente o que impera ali nesta conexão é a imagem, o corpo passou então a ser consumido. A imagem que consome os corpos. Veja aí, bem representado o terceiro degrau da iconofagia.

Trato aqui, principalmente da mídia, pois ela é grande responsável por este processo. Ela foi estrela na era da reprodutibilidade, fazendo com que as imagens passassem a devorar imagens e mais tarde, de fazer com que as imagens devorassem os corpos, transformando-nos em uma sociedade imagética, repleta de imagens seriadas. E existem ferramentas para que isto ocorra. Kamper (2002:19) menciona: “A fantasia [significadora] é o ponto médio, no qual o universal e o ser, o próprio e o que é inventado, o interior e o exterior, são fundidos numa unidade perfeita. [...] Enquanto atividade que opera esta unificação, a fantasia é razão [...]”.

A fantasia, o sonho do corpo, se une perfeitamente ao corpo, realizando-se a fusão entre imagem em corpo, através das intervenções estéticas. Esta fantasia se refere aos modelos midiáticos, os artistas, cantores, atores, e todos aqueles que compõem com maestria a grande indústria cultural. Uma indústria criada para vender imagens, que serão as novas mestras dos

nossos corpos. “A indústria cultural faz seus exercícios de civilização utilizando um modelo de mito e de modernidade todo aparafusado em si mesmo”. (KAMPER, 2002:14). Estes mitos³ que são principalmente os personagens criados pela indústria cultural, a que recorremos para adorar hoje, eram os Deuses que o homem criou como modelo de perfeição no antigo Egito. Ainda adotamos a mesma prática de criar estes Deuses, a partir do nosso imaginário, transferirmos eles para suportes, em forma de desenhos, fotografias, filmes, revistas, manchetes e então, adorarmos esta perfeição. O corpo sonha, deseja este lugar no olimpo, então cede á imagem. E tudo se transforma em imagem. É o mesmo ciclo que vem se repetindo durante séculos. O que mudam são os comportamentos do fazer, o modo de fazer. Mas o resultado tem sido o mesmo.

Faz parte deste ciclo um grande mestre que tem controlado as sociedades e o modo o qual elas se manifestam. O julgamento, a coerção do olhar. Aparentemente, a valorização extrema do sentido da visão trás consigo muitas características da sociedade imagética. E os olhos têm sido grandes denunciadores de comportamentos do que se pode/não se pode nesta sociedade das imagens.

“Um olhar controlador que produziu efeitos demolidores e devastadores. Essa estrutura ótica de vigilância e de punição, de correção, educação e emancipação já existia muito tempo antes da realidade tecnológica da mídia visual (máquinas fotográficas, câmeras de filmagem, monitores de televisão, gravadores em videocassetes, etc.) e foi aplicada socialmente por meio das instituições correspondentes a cada área social. Mosteiros, quartéis, clínicas, escolas, prisões, locais de trabalho e de correção espalharam a coerção do olhar em todas as direções sociais e zelaram para que essa coerção do olhar tivesse uma correspondente coerção da imagem”.

(KAMPER, 2000:6)

O grande poder dos olhos, do olhar sobre a conduta dos outros homens faz parte do desenvolvimento da cultura, e do ato de controle para que esta determinado código de

³ De acordo com Contrera (2000). “O mito (juntamente com os sonhos, as variantes psico-patológicas e os estados alterados da consciência) é considerado fonte básica a partir da qual os textos/tramas da cultura são tecidos. Um tecer que tem um movimento contínuo que entendemos aqui como sendo comunicação viva no seio de uma cultura – uma constante reciclagem e elaboração de conteúdos fundantes da condição humana, (...)”.

conduta seja sempre assertivo e perdure. A coerção do olhar, como dito, corresponde diretamente à coerção da imagem. Se a sociedade já é uma sociedade de imagens, as imagens cuidam para que elas sejam sempre absolutas e cada vez menos obsoletas. “O olhar controlador, agora onipresente, obriga as pessoas a se transformar em uma imagem que não transborde para fora das molduras previstas e que satisfaça às exigências de uma visibilidade em ascensão”. (KAMPER 2000:7)

O julgamento dos olhos são grandes aliados das imagens. Elas fazem com que o corpo se perceba, como fora ou dentro do padrão imposto pela indústria cultural, como belo, lindo, musculoso, jovem, saudável, sábio, ou o seu oposto, que será banido, discriminado, não aceito. E com isto, cada vez mais o corpo procura ser – parecer algo que é totalmente imagético, perdendo o sentido inicial, apenas mecânico de sobrevivência e ganhando o sentido de objeto, suporte da imagem.

O corpo do homem sofre, desde o seu nascimento o controle da imagem. De como deve ser, se portar. Ele deve ser apenas um reflexo do imaginário. Perdeu as funções motoras. Deve caber dentro da moldura dos códigos para que possa conviver em sociedade, criar vínculos e tentar sobreviver, existir da maneira que lhe for possível e cabível de ser. Passam a ser como máquinas, um corpo nati-morto que só obedece à sua imagem imposta, mas antes disto, desejada de corpo.

“Os corpos teriam primeiramente preenchido os ambientes, depois se distanciando e se estilizado como efígies e estátuas; mais tarde foram corpos visuais, depois copiados em superfícies e tornados imagem para serem, por fim, projetados. Este modelo, que remete, segundo Kamper, às imagens do corpo, é o do cadáver, diante do qual a vida tem continuamente de se impor. Estes corpos constituem imagens de homens como corpos mortos e por isso, refere Kamper, em todas as imagens prende-se um «cheiro de cadáver», mesmo das imagens digitais”.

(MARCONDES FILHO, 2007:159)

Já partindo para a ideia das imagens digitais, a medida que a tecnologia evolui, as imagens passam a ser cada vez mais manipuláveis, moldáveis e com maior rapidez. Os softwares de edição de imagens tem sido ferramenta de ação das imagens sobre os corpos para que elas correspondam cada dia mais às expectativas do imaginário que remetem ao

perfeito. Percebemos isto com grande frequência nas páginas das revistas, onde se vê cada dia mais fotografias de corpos estilizados, modulados, com seus defeitos apagados, resolutos em 5 minutos. O tempo já não é mais um problema. É tudo resolvido de forma muito prática, rápida e indolor. Manchas de acne, celulites, excessos de gordura, e tudo que pertença ao padrão negativo da coerção dos olhos é retirado magicamente por um programa de computador. Com isto, o que sobra é apenas a imagem dos sonhos, do que se pode ser. Os corpos, mesmo com as modificações estéticas já não conseguem acompanhar o ritmo das imagens moldadas, mas isto não significa que a busca pela imagem perfeita cesse.

Com o reinado da imagem e a morte dos corpos, o esquecimento dos sentidos de proximidade e a supervalorização dos sentidos de distância, podemos entender melhor o que acontece com a influência das imagens e da mídia, que contribui ativamente para a reprodução das imagens. As modificações corporais nunca estiveram tão em voga, cada dia mais comuns, mais baratas, mais rápidas e indolores, ajudando a escapada do corpo, para outro corpo, que se reinsere na sociedade, é resignificado, moldado pela cirurgia estética que é uma ferramenta de atuação da imagem no corpo. Mas, será que o corpo acompanha a velocidade da mídia e das imagens?

Chegou-se ao cerne do problema da pesquisa, em que me pergunto: Em que medida a criação de corpos midiáticos, executada pela ação das intervenções estéticas, utiliza os moldes dos softwares de edição de imagem e as imagens dos meios como modelos miméticos?

Toda a teoria até então fundamentada corrobora para entendermos que realmente as imagens tem este poder extremista de incorporar-se neste corpo e se fazer dona e presente. Como se pode perceber, as modificações corporais fazem parte desta necessidade do corpo de ser o que sonha ser. E o seu sonho é construído a partir da coerção do olhar que é uma das maiores armas da mídia. A mídia constrói então os seus modelos de corpos e passa a reproduzi-los em massa, para as massas. As imagens dos corpos são vendidas na forma do sonho perfeito do ser eterno.

Os corpos midiáticos passam a ser copiados, mimeticamente, com a ajuda das intervenções estéticas e reproduzidos. Passo a aprofundar este conceito com mais afinco no próximo capítulo o qual me utilizarei de exemplos retirados

da internet, imagens de antes e depois de pessoas que passaram por intervenções e cirurgias estéticas para modificar os corpos, com intenção clara de ser cópia de um corpo midiático.

Capítulo 3
Ambientes e modificações corporais.

Antes de pensar sobre o corpo, que é o ponto de partida e de chegada de toda a comunicação, como disse Pross, é necessário também conhecer em que ambiente estes corpos comunicacionais se inserem, pois os ambientes são criados pelo homem, mas são parte da cultura.

“Sim, porque um corpo é o registro das histórias de si mesmo e de todos os outros corpos, oferecendo a um ambiente comunicacional a profundidade e a densidade das camadas mais profundas do seu tempo e dos outros tempos. E, sim, porque um corpo também é o registro dos sonhos, desejos e anseios que delineiam a perspectiva e a projeção futura de si mesmo e de todos os outros corpos”.

(BAITELLO, 2008:102)

Quando existe a presença de dois ou mais corpos - seja de forma presencial, ou intermediada - que se propõem a estabelecer uma relação comunicacional, um vínculo, existe ali a construção de uma esfera ambiental gerada pelos corpos que a integram, contendo suas emoções, suas expectativas, sonhos, desejos, histórias etc. Elas se mesclam uma a outra para que a comunicação aconteça. Vê-se que o ambiente é envolvido totalmente por cultura, é cenário, mesmo que seja mediado por algum aparato de comunicação, pois contém todo o material necessário para que a comunicação seja feita, entendida, criada, transmitida, e recebida. Provas de que o processo de comunicação é muito complexo, envolve os corpos, as aspirações destes corpos, o ambiente, o aparato utilizado, se for o caso, o tempo desprendido, a história, e muito mais. É a rica construção do entrelaçamento entre primeira e segunda realidades, e como já foi dito, uma não existe sem a outra.

Por este pensamento, podemos verificar com mais profundidade o que acontece com o homem que vive dentro deste ambiente, e porque ele tem interesse em modificar o seu corpo para ser/parecer ou se adequar – ou não – a outro corpo ou a uma imagem.

3.1 Se o peixe morre pela boca, o corpo morre pelos olhos.

De maneira a destrinchar o objeto, trato agora mais profundamente sobre os degraus da iconofagia. Observando os 4 tipos de devorações podemos perceber claramente em que o corpo se transforma, ou se transformou à medida que as imagens se tornaram imanentes.

Para entender a relação entre a imagem e o corpo, faz-se necessário entender como se dá o vínculo comunicativo entre eles, pois como diz Baitello (2005), o vínculo é a unidade mínima das relações comunicativas e precisa ser alimentado para existir. A própria palavra alimento já nos antecede o recurso de oferecer e/ou receber algo do/para o outro que preencha um vazio. Sendo assim, procura-se entender que tipo de vínculo mantemos com as imagens que nos rodeiam, tanto as imagens endógenas, como exógenas, como já foi dito no capítulo anterior. Sabe-se também que os olhos são as portas ou janelas principais usadas como meio de entrada das imagens.

“(…) “sem o nosso olhar (sem nossa consciência) as imagens seriam outra coisa ou absolutamente nada.” (Belting/Kamper 2000:7). Ora, se o olhar é um gesto do corpo – bem como a consciência – então seriam as imagens criaturas dos corpos, produtos que aspiram uma existência autônoma, que pretendem construir-se em instância coletiva autárquica, independente dos seus criadores, substitutivas dos mesmos? Esta relação de substituição estará visível em uma arqueologia da imagem, como retrato, efígie e substituta dos corpos.”

(BAITELLO, 2005:91)

O homem á semelhança de Deus, como sua criatura, se assemelha á imagem, em semelhança do homem, como sua criatura. Aspira à existência sem o homem, substituindo, recriando este corpo. Sobrevivendo sozinha, numa sociedade das imagens. Para chegar a este pensamento, apresento os 4 tipos de devoração, ou antropofagia, no conceito de Baitello (2005).

3.1.1 Corpos que devoram corpos – a antropofagia.

A antropofagia pura trata de corpos que devoram corpos. Seria o canibalismo em si, mas não pretendo retratar aqui o canibalismo, mas a força que existe da apropriação física do outro, com a apropriação simbólica, dentro de um ambiente afetivo de troca, pois estas são pertencentes ao universo da cultura, aqui proposto como estudo. Baitello descreve de forma minuciosa o primeiro ato de antropofagia humano, o aleitamento materno.

O bebê, que nasce das entranhas da mãe, se alimenta do leite da sua mama, ou seja, se alimenta da própria mãe, numa apropriação física pela sua necessidade de nutrição, através da boca. O tato estabelece o vínculo junto à pele da mãe, através da mão que se apoia no seio materno formando um conjunto harmonioso de comunicação entre os dois seres. Com esta ação, o bebê cria um vínculo com a mãe, através de uma atmosfera afetiva de carência e de saciedade e uma apropriação simbólica do carinho da mãe para si. Em contrapartida a mãe, que se doa neste ato, também recebe o carinho e a atenção do bebê e preenche em si um vazio de afeto. O esvaziar da mama faz parte do processo de preenchimento afetivo. É um ciclo, dentro do ambiente em que os dois corpos se inserem e se permitem a vinculação. E como cita Baitello (2008:102), “Graças à reconsideração e à nova inserção da corporeidade como ponto de partida e de chegada de toda comunicação, podemos dizer que a matéria-prima dos processos comunicacionais não é a informação, mas sim o amor”.

3.1.2 As imagens que devoram imagens - Iconofagia

Retomando aqui como ponto de partida das imagens que devoram as imagens o conceito de mimese, proposto pelos autores Alemães já citados, vai de encontro com o propósito de apresentação das imagens. Sabe-se que então, o homem aprendeu com os outros homens e com o ambiente em que está inserido o que ele tem como conhecimento, através da mimese. Do contato que ele tem com este universo, através dos órgãos do sentido é que ele aspira as imagens e as (re)produz. Assim, mesmo as imagens que ele produz, são cópias modificadas do que ele interiorizou primeiramente, para depois externalizar. Como cita Baitello, (2005:95), “Em outras palavras, em toda imagem existe uma referência às imagens

que a precederam. Ou seja, toda imagem se apropria das imagens precedentes e bebe nelas ao menos parte de sua força”. As imagens se apropriam das imagens, e assim ocorre com outras imagens, num *loop* infinito.

Com a chegada dos aparatos de comunicação, cada dia mais modernos e rápidos, como os da mídia terciária, chegamos á idade da reprodutibilidade técnica, onde a reprodução em série de imagens fez crescer a exacerbação desta já imensa população e então, há uma crise de visibilidade. Partindo do princípio de que tudo o que a imagem deseja é ser vista, para poder perdurar, a imensa quantidade de imagens que se propõem a serem vistas faz com que estas tenham cada dia menos valor.

“A desmedida proliferação das imagens, sobretudo comprovadamente das imagens exógenas, fruto das imensas facilidades da reprodutibilidade técnica, trouxe muito mais do que a democratização da informação prometida pelo diagnóstico benjaminiano; ela trouxe o surgimento de uma instância crescente de imagens que se insinuam para serem vistas enquanto decresce em igual proporção a capacidade humana de enxergá-las”.

(BAITELLO, 2005:95-96)

As imagens inflacionaram o mundo e estão desesperadas pela busca da visibilidade a qualquer custo. A própria imagem tem uma imagem reproduzida desta exacerbação. Ela tem uma opinião própria que a auto-beneficia ou a auto-degenera. Mesmo agindo de forma a degenerar a si própria, ativa novas imagens que se reproduzem e passam a existir nesta atmosfera, comandando os corpos e os aparatos da mesma forma que as outras. O fato é que elas se aproveitam dos temas em voga que estão sendo discutidos, para estar entre nós. Para estar entre elas mesmas, ressoando na primeira e segunda realidade.

Uma medida do valor da imagem que se observa nos dias de hoje é o interesse pela quantidade de compartilhamentos que se observa de fotos, imagens, textos nas redes sociais, por exemplo o Facebook. Observa-se que cada postagem de uma imagem por exemplo, vem acompanhada dos seguintes botões de comando: Curtir, compartilhar, comentar e o número de visualizações. Quanto mais visualizações tiver aquela imagem, mais importante ela é para o meio social em que foi inserido. Tem mais valor. E ela tem esse valor,

porque permanece, é reproduzida e compartilhada, é vista. E isto, até que seja esquecida, refeita e recompartilhada com outros usuários de uma outra forma, com uma nova roupagem. Modificada mimeticamente, gerando mais e mais imagens. Mas, não entro em detalhes aqui, é tão somente uma ilustração didática da questão.

3.1.3 Os corpos que devoram as imagens.

Com a queda dos sentidos de proximidade, o foco passa a ser o olhar. Portanto, pode-se dizer que as imagens tem uma potência avassaladora quando se trata de nos prender pelos olhos. O que acontece é que as imagens visuais são de fácil entendimento. Os símbolos podem representar muito mais que palavras, em um único elemento visual, rompendo com as barreiras da língua. Um símbolo, como o de não fume, por exemplo, por si só já contém a mensagem visual. Qualquer pessoa vê e entende do que se trata. Como diz Baitello (2005:104), “Por sua imediata força de apelo, por sua simplicidade instantânea, eles nos capturam o olhar num primeiro golpe. Por meio do olhar, capturam-nos o presente e nele nos roubam a presença”.

O olhar também ganha muita importância, culturalmente, por ser um decifrador da comunicação não verbal. Como os gestos que criamos são inúmeros e demonstram sentimentos, comunicam uma necessidade ou vontade, as expressões corporais tais como: acenos de mão, de cabeça, o arquear das sobrancelhas, levantar de ombros etc., também passam a ser lidos pelos olhos, pois fazem parte da comunicação e podem até demonstrar mais verdade que as palavras proferidas na hora do ato. São infinitas as possibilidades comunicativas que emanam do corpo.

A maior batalha da imagem é ser posta para ser vista, e capturar o nosso olhar. Se ela consegue, ela rouba a nossa presença, nossa atenção, nosso tempo. As propagandas, as imagens televisivas, roubam o nosso tempo e por conta disso, aquela imagem que tiver maior audiência é que faz o “horário nobre”, o espaço anunciado que tem o maior valor financeiro cobrado. Apenas 30 segundos de espaço, equivalem a milhões de reais, pois ali, o anunciante coloca a sua marca, a sua imagem, para ser vista pelo maior número de espectadores. E esta imagem, transmitida, rouba de nós o nosso tempo, através dos nossos olhos. Nos ganha.

“Harry Pross (1983) credita à mídia a geração de déficits emocionais a serem cobertos pelos próprios mídia, em uma relação de dependência. (...). O mesmo Pross (1983:31) afirma que ‘tudo se dissolve em signos e abstração’. O hodierno mecanismo de consumo de marcas e grifes, imagens criadas com base em procedimentos unilaterais de valoração, em laboratórios de marketing, demonstra à exaustão, a presença de uma iconofagia patológica”.

(BAITELLO, 2005:96)

O corpo compra a imagem que quer ter/ser da mídia. Adquire objetos/coisas, mas apenas pela obtenção do seu valor de não coisa. Ele devora a imagem da mídia. Mas, ao devorar a imagem, também é devorado. Mas este sujeito que devora a imagem, não é um sujeito alienado, hipnotizado. A crença de que o homem se prende ou se perde pela imagem através dos meios de comunicação - coloco aqui os aparatos de comunicação em voga, principalmente da mídia terciária – ele o faz por conta própria e tem autonomia de não querer participar, ou se utilizar deles. É uma decisão própria e não do meio em questão que o hipnotiza ou o mobiliza. Ele se torna um sujeito hipnotizado quando, por vontade própria, se despe do seu corpo. A demanda de aparelhos sociais e culturais é enorme e crescente, mas é o homem com a sua participação - ou não – que a aumenta ou diminui.

E se é por conta própria que ele se permite ser rendido pela imagem, é assim que a imagem devora o corpo.

“Quarto: O imaginário é um templo para vítimas inconscientes. No limite, criar imagens é matar corpos. Ele se efetiva no inconsciente através dos ídolos, lemas e idiosincrasias. E não acontece sem uma certa predisposição da pessoa envolvida. Pois o poder do imaginário nasce do imaginário do poder, do qual se deseja participar”.

(KAMPER, 2000:7)

3.1.4 As imagens que devoram os corpos.

Como já foi dito nos capítulos anteriores, a imagem clama a eternidade, pelo medo da morte. Ela sobrevive, quer a imanência. O corpo é finito, mas também deseja ser eterno. Ao se revestir da imagem constrói com ela um vínculo de duração finita, mas com uma história infinita, permanente. Não entra em voga aqui a questão da personalidade ou da identidade, mas o que se expressa é o vínculo que se faz entre a imagem e o corpo. Da devoração da imagem e do fato de o corpo se permitir ser devorado, justamente para que o vínculo entre eles exista e permaneça. Se me revisto da imagem e ela se apropria de mim, passo a fazer parte de um grupo, de um ambiente comum. Personalizo-me da imagem e com isto, quebro o medo de ficar só. Basicamente, o vínculo que se constrói entre homem e imagem desde o princípio tem fundação no medo. E como cita Baitello (2008:100), “Construir um ambiente e situar-se nele reduz a fragilidade do estar só”.

Para se adaptar ao ambiente e á imagem, o homem passou a lançar um olhar sobre si mesmo. Um olhar coercivo, degenerativo, que inspirou a mudança do corpo. O olhar é o início da transformação do corpo na imagem. De acordo com Kamper (2000:4,5), “O olhar controlado, que já se tornou onipresente, força os homens implacavelmente a se transformarem numa imagem que se encaixe no todo, e que possa satisfazer as exigências de uma visibilidade ampliada”.

Com a coerção do olhar o que ocorre é uma silenciosa transformação do corpo numa imagem do corpo, que nega a diferença entre a imagem e o corpo. A grande preocupação de se alcançar este limiar é que, com a morte do corpo e nascimento da imagem, cortamos o vínculo com nós mesmos. Ficamos submetidos às vontades da imagem, como cita Kamper (2000, 4-5), “O olhar controlado, que já se tornou onipresente, força os homens implacavelmente a se transformarem numa imagem que se encaixe no todo e que possa satisfazer as exigências de uma visibilidade ampliada”.

3.2 A imagem venceu.

Certos de que o corpo se permitiu ser devorado pela imagem, para se tornar parte dela, ou se tornar inteiramente imagem, pela sua fragilidade física e pelo medo da morte, ele busca alternativas para criar este vínculo. Uma destas alternativas é transformar o corpo, aproveitando a sua flexibilidade física para que este sirva de aparato da imagem. Para que isto ocorra o homem usa de vários artifícios, como já foi citado no capítulo sobre o corpo, como adereços, vestimenta, pintura corporal, e com o avanço da tecnologia e da medicina foi possível conseguir modificações cada vez mais bruscas para se chegar a um resultado esperado, como as intervenções estéticas. Através dos exemplos que coloco a seguir, aprofunda-se como se dá a morte do corpo e o nascimento da imagem, através da compra da imagem midiática.

A grande questão que nasceu para que se desenvolvesse este trabalho foi a de saber, em que medida a criação de corpos midiáticos, executada pela ação das intervenções estéticas, utiliza os moldes dos softwares de edição de imagem e as imagens dos medias como modelos miméticos?

Através de imagens de antes e depois de cirurgias estéticas, retiradas da internet, se pode entender a ressignificação do corpo através dos moldes midiáticos. O objeto desta pesquisa são estas imagens, de antes e depois de pessoas ou corpos que passaram por algum tipo de intervenção estética, a fim de modelar o seu corpo para uma nova aparência, uma nova imagem, que segue um padrão estético formulado pela mídia. Estas imagens foram retiradas da internet, que é o corpus e suporte da pesquisa, de sites como o portal de notícias G1 da Globo e outros sites internacionais e nacionais, como se vê a seguir, que foram utilizadas para análise de como o corpo muda, se transforma após uma intervenção e as consequências desta nova imagem.

Através da pesquisa com os autores citados e estudo aprofundado de suas principais teorias, foi comprovado que a coerção do olhar é o grande modelador dos corpos, que se sujeitam às rápidas mutações para que a imagem, exposta por este corpo, se torne a imagem referencial e ideal do padrão

mediático. Ela toma posse do corpo, que perde o vínculo consigo mesmo, o transformando em apenas suporte.

Imagem 1 – Herbert Chavez.

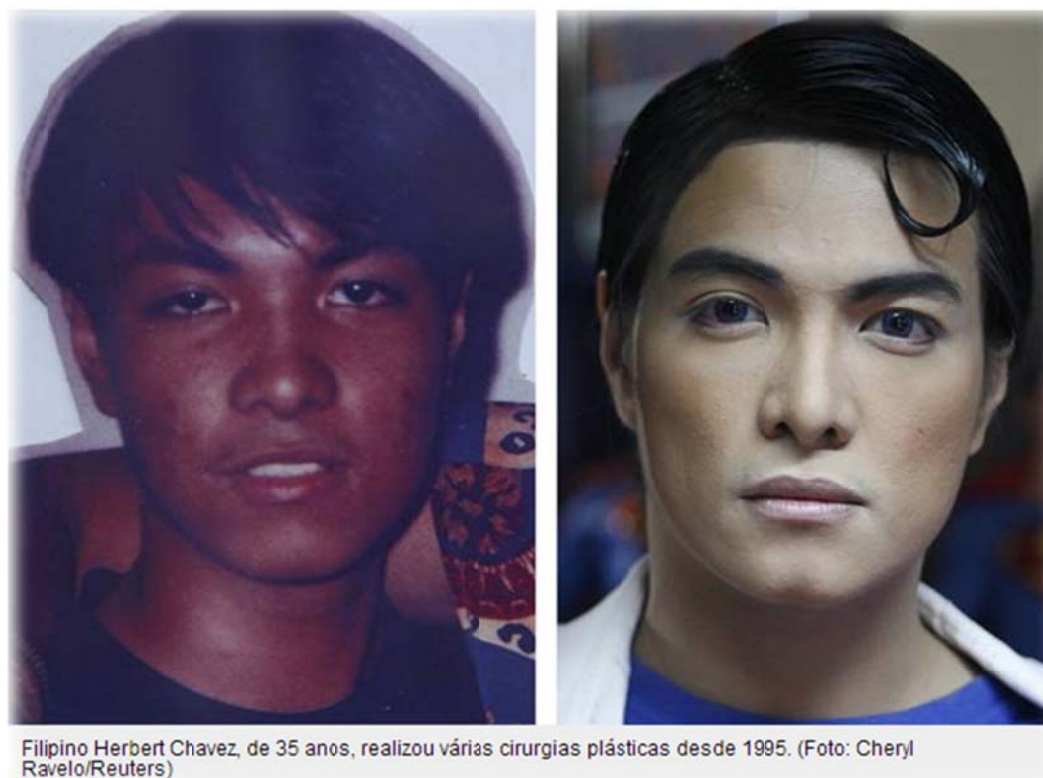


Imagem retirada da internet, do canal planeta Bizarro dentro do portal G1 da Globo. A notícia do dia 12/10/2011 tem como título: Filipino exhibe mudança após plásticas para ficar parecido ao 'Super-Homem'. Herbert Chavez afinou o nariz e fez covinha no queixo. Sua casa é decorada com objetos que lembram o 'homem de aço'.

Na imagem, pode-se perceber uma montagem fotográfica de antes e depois de ser modificado pelas várias cirurgias e intervenções estéticas, a fim de fazer com que o seu corpo se moldasse à imagem que ele queria que fosse apresentada, no caso, a imagem do super-homem. Ele passou também por tratamentos estéticos para que a cor da sua pele, então morena, ficasse branca, além de um preenchimento labial e colocação de lentes de contato.

Herbert, assim como outros casos que apresentarei adiante, buscou nas intervenções estéticas alternativas para moldar seu corpo, sua imagem, como pôde para que

pudesse ser/parecer com outra imagem, a imagem do seu super-herói favorito, uma criação da mídia que faz parte da segunda realidade. O que acontece é a busca da imagem perfeita, do corpo perfeito, a busca do eterno. E as imagens midiáticas são as maiores responsáveis pela representação deste perfeito, eterno, sem doença, sem morte, sem o medo que nos consome como homens. A imagem midiática é tão verossímil e fácil de ser vista, de ser consumida, que nos consome. “Nós vivemos em um mundo onde há uma ditadura das imagens e, portanto, é muito difícil resistir aos seus imperativos”. Cita Baitello (2005:78). É a iconofagia impura, a devoração do corpo em seu estado orgânico original pela imagem do herói. É a reconfiguração dos corpos que se tornam outros para uma ressignificação, uma reconstrução da sua história no mundo. Reescrever-se para uma nova vivência social. A materialização da imagem, e morte do corpo, que passa a ser um objeto – aparato – tela de trabalho da imagem, atuação da segunda realidade no corpo.

As cirurgias estéticas tem a capacidade de transformar o que era antes necessário para o somente estético, imagético. Elas atuam na transformação do corpo orgânico em imagem virtual de segunda realidade, um aparato posto e pronto para ser visto por outros corpos. Este corpo-objeto segue a tendência midiática do padrão de perfeito, indestrutivo, estilizado, criado aos moldes dos softwares e programas virtuais e comunicam a urgência de ser vistos, apesar da máscara que os cobrem. Ao se perder na imagem, o corpo perdeu o vínculo consigo mesmo e se transformou em um mero suporte da imagem, que esta sim, vinculada ao corpo, constrói uma história.

O fato de se usar o corpo como tela de trabalho, como aparato de reprodução do imaginário, também invoca a reprodutibilidade. A cirurgia estética também serve como ritual de criação de uma nova forma de corpo. A recriação do corpo é feita pela mimese. O corpo se apropria do imaginário e o reproduz, imitando, ou melhor, recriando algo antes parte somente do imaginário. Esta imagem, mesmo sendo apenas uma reprodução de algo, é única. Ela é capaz de trazer à tona algo antes, preso no passado para um presente, que já está morto, congelado no momento de sua concepção.

A inscrição da imagem no corpo não é mais que a conexão da segunda realidade com a primeira, esta então, contaminada surge como recriação, ressignificação do corpo na primeira realidade, posta para ser vista. O corpo é apenas um suporte material da imagem.

O famoso Botox – toxina botulínica – uma técnica de aplicação injetável, utilizada principalmente na parte muscular do rosto, onde se encontram rugas e demais imperfeições que são naturais ao efeito do envelhecimento da pele e afrouxamento dos músculos na luta contra a gravidade. Usado primeiramente pelos artistas, atores, atrizes, e demais pessoas com hábitos de cuidados estéticos de classes sociais mais abastadas, devido ao alto valor de cada aplicação, foi desenvolvido em laboratórios químico/farmacêuticos, com a função de congelar o tempo no rosto, evitando o aparecimento dos sinais do envelhecimento. A busca incessante pelo ser eterno, mesmo se tendo o conhecimento de que tudo é perecível e finito, leva o homem a tentar congelar um estado atual de imagem pessoal, a fim de que este congelamento o impeça de perceber as ações do tempo sobre seu corpo frágil.

Em termos de tecnologia, a computação gráfica, com o uso de softwares de design ajuda na alteração virtual de características que são consideradas fora dos padrões estéticos, ou como defeitos orgânicos, para que o corpo, na imagem, seja o mais belo, dentro dos padrões propostos pela imagem midiática, sem defeitos, perfeito. De forma ultra-rápida, modela a imagem original ao padrão que se pretende alcançar. Esta tecnologia cada dia mais inovadora, mais rápida e eficiente, dá livre acesso à reprodução de imagens em série, e contribui ativamente para o aparecimento de novas imagens que são estampadas nas capas de revistas de saúde, bem-estar, moda, além das telenovelas, filmes e outros produtos midiáticos. Estes meios absorvem estas imagens e as reproduzem em uma escala global. É a sociedade das imagens seriais, as imagens que nos consomem.

Como o homem deseja ter/ser esta imagem do perfeito, buscou através de pesquisas e desenvolvimentos tecnológicos atuar na criação de novas técnicas da medicina, com novos materiais, e de maneira cada dia mais produtiva e rápida, acompanhar as modificações corporais impostas pelos moldes dos softwares de imagens. Estas novas técnicas, cada dia mais modernas, refazem o corpo, readapta e corrige o que é defeito, aos olhos coercivos da sociedade imagética.

Para efetuar a ligação da imagem com a eternidade, o corpo é refeito, remodulado, e se possível, paralisado o efeito de finitude, de envelhecimento. O uso do Botox, que paralisa os músculos da face, paralisa os sinais do tempo fazendo com que esta imagem seja como uma fotografia da imagem perfeita, paralisada e congelada. É como se o Botox fosse mesmo uma invenção do homem para congelar o rosto e perdurar a imagem que ali permanece. Ter a

juventude eterna, independente da idade. O tempo é congelado no rosto, na imagem que permanece.

“E para aqueles que, voluntária ou involuntariamente, colocam a visibilidade como condição da própria pertencência social, ela não deixa a menor chance de escapar. Abre-se aí um círculo vicioso: para participar no processo da visibilidade em ascensão as pessoas suportam a perda da própria vida em sua corporalidade pluridimensional. Elas condenam a si mesmas a existir e a viver apenas na superfície da imagem”.

(KAMPER, 2000).

É uma situação na qual existe a escolha, como disse Kamper acima, voluntária ou involuntariamente. O homem coloca a imagem como centro da vida, como condição da pertencência social, como condição de vínculo com o eterno e com o afeto dos outros. E suporta a perda do vínculo com seu próprio corpo, apenas para pertencer á imagem.

Imagem 2 – Lisa Connell.

Tumour girl: I feel sexy again



Before and after ... Lisa Connell

Figura 2 – Tradução do texto da imagem: Título: Garota do tumor: me sinto sexy novamente. Texto abaixo: Antes e depois... Lisa Connell.

Esta imagem foi retirada de uma reportagem do portal The Sun, e foi veiculada dia 09/12/2009. O título da notícia é: Garota do tumor: Me sinto sexy novamente. Lisa Connell, de 29 anos, descobriu em 2006 que tinha um tumor no cérebro e que este tumor era inoperável, ela não teria chances de se recuperar. Por isto, ela decidiu gastar cerca de R\$ 137.000,00 em cirurgias e intervenções estéticas para ficar parecida com a atriz Demi Moore e morrer com a imagem da atriz. O dinheiro estava sendo guardado por sua mãe para o seu casamento, mas devido á notícia, decidiu fazer as cirurgias para “morrer feliz”.

O caso repercutiu mundialmente e a imagem de Lisa foi reproduzida amplamente pela mídia. De acordo com o seu site oficial na web⁴, ela sobreviveu e no último ano, 2012, passou por uma cirurgia que removeu 20% do seu tumor.

Esta decisão implicou no modo como ela se via. Mesmo sabendo que a morte, a sua finitude estava próxima, a sua atitude foi a de mudar a sua imagem, o seu corpo, para que ele se adaptasse á uma nova realidade, á um novo corpo. Para ela, era importante ser/parecer a atriz Demi Moore, não ela própria, mas a sua imagem, o mais compatível possível. Considera que a imagem da atriz é seu modelo perfeito de mulher, de corpo, de vida e por conta disso, se rendeu á esta imagem. Preencheu uma necessidade fóbica da morte com a presença da imagem.

Imagem 3: Nadya Suleman

⁴ Em: <http://www.lisaconnell.com/#!/the-surgery-2012/c4by>.



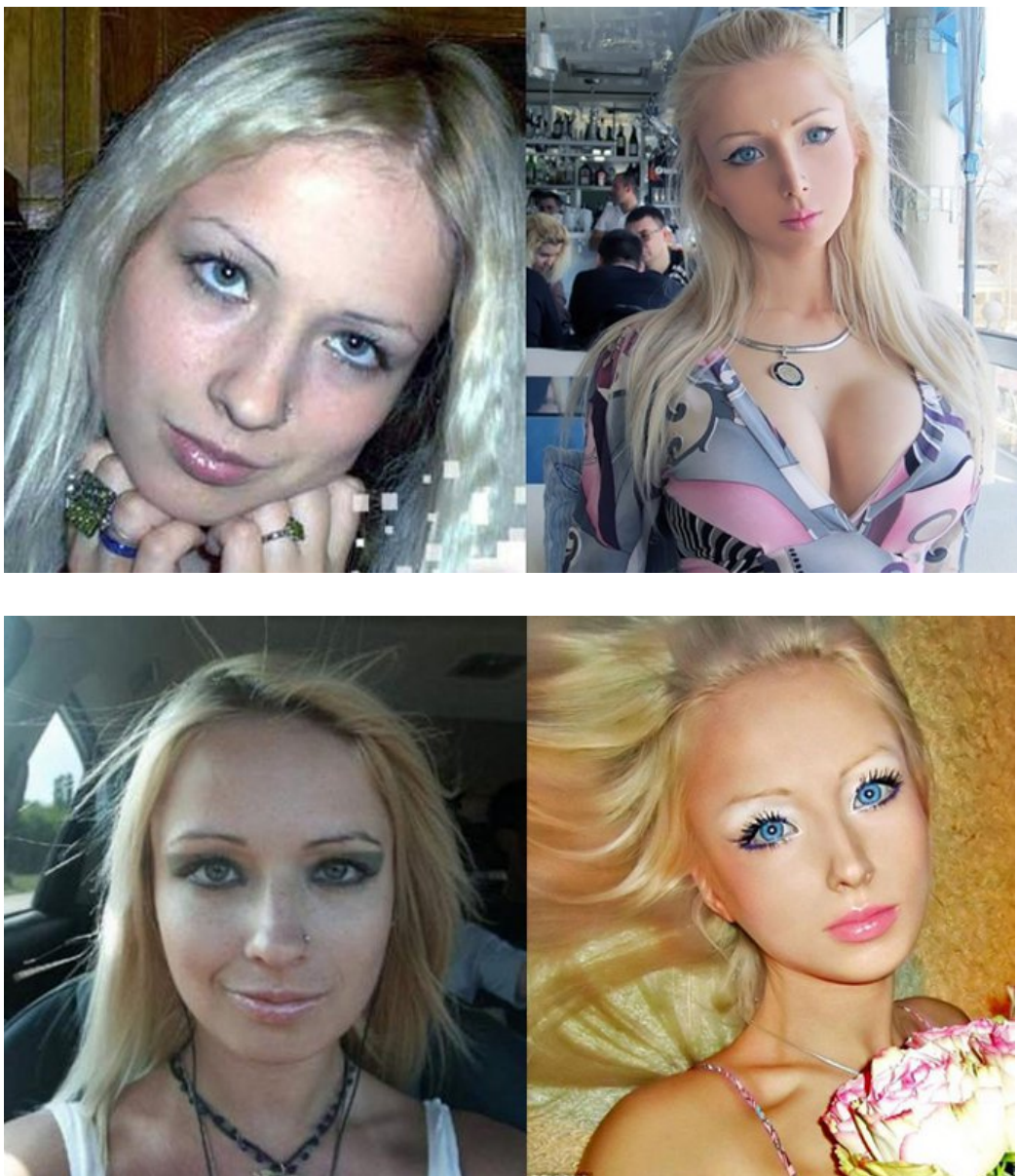
Figura 3 – Tradução do texto da capa da revista Vida e estilo. Título: A mãe de ótuplos obsecada por Angelina.

Esta imagem foi retirada do site Techtudo⁵, assim como mais algumas imagens a seguir que entram aqui como objeto de estudo para discussão. A notícia tem como título: Site lista as 10 fotos de cirurgias plásticas mais bizarras e foi veiculada no dia 16/10/2011.

No site, a notícia é de que Nadya, após dar á luz a 8 gêmeos, ficou obcecada por se parecer com a atriz Angelina Jolie. Retoma que elas têm em comum alguns traços físicos, além da idade e do número de filhos, e por conta disto, se submeteu á cirurgias estéticas para ficar parecida com a atriz. O processo de remodelação, principalmente do rosto contou com rinoplastia – plástica para remodelar o nariz – e aplicações de preenchimento labial.

Imagens 4 e 5: Valeria Lukyanova

⁵ Em: <http://www.techtudo.com.br/curiosidades/noticia/2011/10/site-lista-10-fotos-de-cirurgia-plastica-mais-bizarras.html>



Estas imagens foram retiradas do portal de notícias R7 e tem como título: Veja a Barbie ucraniana antes das plásticas. A notícia se encontra na página esquisitices e foi veiculada no dia 04/06/2012. A notícia sustenta que Valeria, com apenas 21 anos já passou por várias cirurgias estéticas para se tornar a boneca mais famosa do mundo, a Barbie humana. Dentre as intervenções descritas estão até mesmo remoção de costelas para afinar a cintura, colocação de próteses mamárias, rinoplastia. Mas ela não é a primeira e tampouco será a última pessoa a querer ser/parecer com a boneca Barbie, como demonstro na próxima imagem. O que impressiona é o fato da modificação corporal extrema para que o corpo se adapte á uma realidade totalmente imagética e padronizada.

E este caso, já virou um modismo, pois já entraram muitas outras jovens, de vários países na onda de ser uma boneca da vida real, inclusive homens que querem ser o seu parceiro, o Ken, também modificando os corpos para terem a mesma aparência e biótipo dos bonecos. Com certeza existem não só procedimentos estéticos, mas também técnicas de maquiagem que se misturam para criar estes modelos vivos, estas representações em carne do que são os bonecos de plástico. O padrão de imagem midiática se faz presente, inscrita na carne e no corpo destes homens e mulheres que se sujeitam a tais procedimentos. Mas, a história de ser/parecer com a Barbie começou há um bom tempo.

Imagem 6: Cindi Jackson.



A imagem foi extraída do portal G1 da Globo, em planeta Bizarro e tem como título e subtítulos: 'Barbie humana' é recordista de cirurgias plásticas pelo 11º ano seguido. Cindy Jackson, de 54 anos, fez cerca de 50 procedimentos estéticos. Gastos com beleza chegam a 150 mil euros (cerca de R\$ 340 mil). A notícia foi veiculada no dia 09/12/2009.

A notícia exprime que a americana, de até então 54 anos era a recordista de cirurgias estéticas por mais um ano, de acordo com o Guinness book, o livro dos recordes e que, segundo ela, o conceito de ficar velha não existia. Uma das primeiras Barbies humanas, a mais famosa dentre elas, se submeteu a mais de 50 procedimentos para ficar parecida com a boneca. E continua se submetendo até os dias de hoje, modificando e paralisando os efeitos de envelhecimento do seu corpo, a fim de que a sua imagem perdure. É cada dia mais comum a utilização destas técnicas para retardar o envelhecimento. Mas o caso pode ser ainda mais drástico, como veremos a seguir.

Imagens 7 e 8: Catrina Best.



Esta imagem foi retirada do portal Yahoo, na página OMG! E tem como título: Menina decide mudar de sexo para ficar igual a astro teen. A notícia foi veiculada no dia 08/01/2013. Catrina, uma jovem de 20 anos, moradora de Lisboa, Portugal diz se parecer muito com o astro Teen da banda One Direction, Harry Styles. Tão parecida que disse que poderiam ser irmãos gêmeos e por conta da sua obsessão pelo astro, modificou sua aparência, seu corte de cabelo, suas roupas e foi além, fez uma cirurgia de mudança de sexo. Quis se tornar homem, somente para se parecer com o cantor. Esta notícia foi veiculada primeiro no tabloide The Sun. Catrina diz que agora prefere ser chamada somente por Best.

Citando Kamper, (2000:2) “A imagem do corpo atualmente em voga nega seu caráter de imagem. Num último lance totalitário, ela afirma ser tudo, razão pela qual o corpo, e na verdade cada corpo isoladamente, dela dependeria e por ela deveria guiar-se”. Neste último caso, a imagem se tornou tudo, se tornou o todo. Tomou posse do corpo desta garota e o transformou em um corpo-objeto. Já não importa mais o que foi, o passado. O que a trouxe

até aqui. O que importa é o ser/parecer com o outro, com a imagem do outro. A imagem da mídia, moldada pelos olhos coercivos da sociedade e que nos afugenta de nós mesmos.

“A obrigatoriedade de transformar tudo o que existe em imagem – em função do olhar – está associada a uma estranha espontaneidade, a qual dissolve sem deixar rastros às antigas fronteiras. Tal ‘obrigatoriedade espontânea’ tem hoje seus sérios e profundos desdobramentos, não dando àqueles que apostam na sensação de ‘fazer parte da sociedade’, qualquer chance de fuga”.

(KAMPER, 2000:5)

3.3 Prognóstico

“Uma única possibilidade parece consistir em fazer o corpo voltar a falar, mobilizando-o contra as imagens que o cercam. Como trabalhos preliminares para essa finalidade pode-se considerar vários recursos a fragmentos de uma (amplamente destruída) linguagem corporal, os gestos, as formas de comunicação não verbal, e dessa forma também, as muitas terapias do corpo, seja esse de procedência asiática ou euro-americana. Com base numa consideração análoga, um objetivo de primeira importância seria a redescoberta do corpo como um «arquivo da história da humanidade» (Nietzsche), a qual mostra-se no trabalho teatral, nas artes corpóreas e também nas ciências humanas orientadas sociologicamente”.

(KAMPER, 2002:9)

Apesar dos pesares, Kamper parece muito animador quanto a ideia de se refazer uma ligação da sociedade com o corpo, com o sentido de propriocepção que parece estar perdido. Existe sim, uma busca do homem pelo retorno da importância dos outros sentidos e do sentir-se. O mais interessante é que ele precisa reaprender o que é o próprio corpo, como sentir o corpo e conviver consigo mesmo. E para isto, já existe uma faculdade, como é o caso da Eutonia. De acordo com o site oficial⁶, eutonia trata-se de “(...) uma prática corporal, criada e desenvolvida por Gerda Alexander (1908 Wuppertal / Alemanha – 1994 Copenhague / Dinamarca). A palavra eutonia significa tensão em equilíbrio; tônus harmonioso (do grego eu: bom harmonioso e do latim tônus: tensão)”. Promove a ampliação

⁶ Em: <http://www.eutonia.org.br/>

da percepção e consciência corporal. Para entrar em contato com o seu próprio corpo, o homem então vem procurando fórmulas e desenvolvendo técnicas de sentir, algo que é inato, mas se perdeu, pelo corte do vínculo da consciência do seu corpo, do seu ser.

Capítulo 4

Conclusão.

O caminho de ideias percorrido e descrito nos capítulos revelam um novo parecer sobre o que se percebe da inocência das imagens e da inocência do homem, perante estas imagens. Que não existe tal inocência.

Em um elo com as principais teorias e conceitos dos autores citados, foi possível verificar com profundidade as imagens propostas, de antes e depois encontradas na internet, de forma que representam uma nova realidade de imagens. Que possuem o seu próprio reino e que comandam a sociedade pela coerção do olhar, pois os olhos são capturados e com eles, o próprio corpo se declina.

O corpo, que é o instrumento de existência do homem, de inserção deste homem na sociedade, em determinada época, em determinado local, é altamente modificável e se adapta ao contexto que é inserido. Primeiramente com o foco no aprendizado mimético, onde aprende com os outros corpos a se impor neste ambiente e a interagir com estes corpos, para sua sobrevivência física e mental. Ele assume neste corpo as suas próprias ideias e características, que o inserem no contexto social como um todo, ao mesmo tempo que o diferencia dos outros corpos, o tornando um ser único. E o corpo passa a ser instrumento de interação com o mundo e com as imagens do mundo.

Das fobias do corpo, na tentativa de vencer a morte, surgem as imagens endógenas, da segunda realidade e elas se reproduzem e criam seu próprio reino. E se tornam imagens exógenas, dignas de serem vistas, de serem eternas e de serem copiadas. Os aparatos, suportes das imagens, contribuem ardentemente com o crescimento desta população de imagens, e apoiam a sua causa nobre de serem superiores e deterem o direito de ter um vínculo real com os corpos, desde que os homens rompam os vínculos consigo mesmos. A vida da imagem sobrepõe a vida humana, pois o homem se entrega, por própria vontade à vida da imagem, se tornando apenas um suporte. Vive-se de marcas e de ser/parecer com os outros, ou até mesmo com objetos que são criados pelo próprio homem.

Perde-se o sentido da propriocepção, o considerado sexto sentido do corpo, para que este passe a ser apenas suporte da imagem midiática, aquela imagem perfeita, sem defeitos e imposta pela mídia, com o endeusamento dos atores e atrizes, cantores e demais. E por consequência, eterna, vencedora sobre a morte. Com seus valores inscritos sobre a pele, revestindo de um novo sentido, uma nova existência, um novo corpo, resignificado.

A evolução da tecnologia aliada á medicina para mudar o corpo, numa guerra contra o envelhecimento, as doenças, as imperfeições, demonstra resultados cada dia mais rápidos, práticos e fáceis para alcançar o objetivo da imagem perfeita. Passam a existir técnicas inovadoras e até indolores que moldam os corpos de acordo com os softwares de computadores que recriam imagens de maneira que fiquem de acordo com os padrões estéticos propostos pela mídia. Assim, Nadya pode ser/parecer com Angelina Jolie, a sua musa inspiradora, a sua imagem ideal. E tantos outros que se apresentam da mesma forma ao mundo, modificando seus corpos para que a imagem de um outro corpo impere, fazendo com que o seu próprio corpo sirva apenas de aparato da imagem.

A união das técnicas da medicina estética, com as imagens midiáticas, faz nascer uma sociedade com corpos cada dia mais perfeitos, saudáveis, invencíveis. Corpos restaurados aos padrões das imagens dos Deuses, que não envelhecem, param no tempo e passam a existir de acordo com o que a imagem propõe. Mesmo sabendo que o corpo, por mais modificado que seja, ainda tem a sua finitude, o homem ignora esta questão, pois serve agora apenas de suporte da imagem midiática, até o seu fim, de livre e espontânea vontade.

Não é um acaso, e o homem tem perdido o contato consigo mesmo através dos tempos, pois mudaram os seus valores. A abstração também faz parte deste todo. Esta pesquisa contribui para que se possa compreender melhor o que tem acontecido nesta guerra de supervalorização das imagens. E elas venceram.

Bibliografia

BAITELLO JR., N. Corpo e imagem: comunicação, ambientes, vínculos. In: RODRIGUES, D. (org.) **Os valores e as Atividades Corporais**. São Paulo: Summus, 2008.

BAITELLO JR., N. **A era da iconofagia - Ensaios de comunicação e cultura**. São Paulo: Hacker editores, 2005.

BAITELLO JR., N. **O olho do furacão; a cultura da imagem e a crise da visibilidade**. In: www.cisc.org.br/biblioteca. Acessado dia 05/08/ 2012 às 21h30.

BAITELLO JR., N. Incomunicação e imagens. In: BAITELLO JR., N.; CONTRERA, M. S.; MENEZES, J. E. D. O. **Os meios da incomunicação**. São Paulo: Annablume, 2005.

BAITELLO JR., N. O tempo lento e o espaço nulo. Mídia primária, secundária e terciária. In: FAUSTO N, A. **Interação e Sentidos no ciberespaço e na Sociedade**. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.

BAITELLO JR., N. **O animal que parou os relógios**. 2ª. São Paulo: Annablume, 2003.

BAITELLO JR., N. Publicidade e imagem: a visão e seus excessos. In: CONTRERA, M. S.; HATTORI, O. T. **Publicidade e cia**. São Paulo: Thomson, 2003.

BAITELLO JR., N. **A era da iconofagia**. 1ª. São Paulo: Hacker editores, 2005.

BAITELLO JR., N. Incomunicação e imagens. In: BAITELLO JR., N.; CONTRERA, M. S.; MENEZES, J. E. D. O. **Os meios da incomunicação**. São Paulo: Annablume, 2005.

BYSTRINA, I. **Tópicos de semiótica da cultura**. São Paulo: Cisc, 1995.

BYSTRINA, I. **Semiótica da cultura: Alguns conceitos semióticos e suas fontes**. Curso ministrado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP. São Paulo: Cisc, 1990.

BYSTRINA, I. **Cultura e devoração: As raízes da cultura e a questão do realismo e do não-realismo dos textos culturais**. Curso ministrado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP. São Paulo: Cisc, 1990.

BYSTRINA, I. **Inconsciente e cultura**. Curso ministrado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP. São Paulo: Cisc, 1990.

BYSTRINA, I. **Soluções simbólicas para a assimetria dos códigos culturais**. Curso ministrado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP. São Paulo: Cisc, 1990.

CAMPELO, C. R. **Cal(e)idoscorpos - Um Estudo Semiótico do Corpo E Seus Códigos**. São Paulo: Annablume, 1995.

CAMPELO, C. R. **Os Sonhos do Corpo: A Comunicação Biocultural do Corpo**. São Paulo: Biblioteca N.G.Kfouri-PUCSP - tese de doutorado, 2001.

CAMPELO, C. R. Publicidade e corpo. In: CONTRERA, M. S.; HATTORI, O. T. **Publicidade e cia**. São Paulo: Thonson, 2003.

CANEVACCI, M. **Fetichismos visuais: corpos erópticos e metrópole comunicacional**. São Paulo: Ateliê editorial, 2008.

CUNHA, A. G. D. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4ª. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

CORBIN, A. COURTINE, J. VIGARELLO, G. **História do Corpo. As mutações do olhar: O século XX**. Petrópolis: Vozes, 2009.

DEBRAY, R. **Vida e morte da imagem**. Petrópolis: Vozes, 1993.

FRANGE, C. M. P. **Escrever na Carne: as modificações corporais como forma de inclusão social e comunicação**. São Paulo: Biblioteca N.G.Kfouri-PUCSP - dissertação de mestrado, 2003.

GEBAUER, G.; WULF, C. **Mimese na cultura**. São Paulo: Annablume, 2004.

KAMPER, D. **O corpo in: Cosmo, corpo cultura. Enciclopedia antropológica**. Tradução de Norval Baitello Jr. Milão: Mondadori, 2002.

KAMPER, D. **Fantasia in: Cosmo, corpo cultura. Enciclopedia antropológica**. Tradução de Norval Baitello Jr. Milão: Mondadori, 2002.

KAMPER, D. **Loucura in: Cosmo, corpo cultura. Enciclopedia antropológica**. Tradução de Norval Baitello Jr. Milão: Mondadori, 2002.

KAMPER, D. **Imagem in: Cosmo, corpo cultura. Enciclopedia antropológica**. Tradução de Norval Baitello Jr. Milão: Mondadori, 2002.

KAMPER, D. **O corpo vivo, o corpo morto**. Texto apresentado no seminário internacional Imagem e violência. São Paulo: Cisc, 2000.

KAMPER, D. **Sobre o futuro da visibilidade**. Texto apresentado no seminário internacional Imagem e violência. São Paulo: Cisc, 2000.

MARCONDES FILHO, C. As imagens que nos aprisionam e a escapada a partir do corpo. **Comunicação e Cultura**. v. 4, p. 153-174, 2007.

MARCONDES FILHO, C. (org.) **Dicionário da comunicação**. São Paulo: Paulus, 2009.

MORIN, E. **Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo. Neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977. Vol.1

MORIN, E. **Cultura de massas do século XX: o espírito do tempo. Necrose.** 3. São Paulo: Forense Universitária, 2006. Vol. 2.

MORIN, E. **O Homem e a Morte.** Rio de Janeiro: Imago, 1997.

PROSS, H. **A sociedade do protesto.** São Paulo: Annablume, v. 1, 1997.

WULF, C. (org.). **Cosmo, corpo, cultura – Enciclopedia antropológica.** Milão: Mondadori, 2002.

Anexos:

Índice de imagens.

1- Herbert Chavez	51
Disponível em: http://g1.globo.com/planeta-bizarro/noticia/2011/10/filipino-exibe-mudanca-apos-plasticas-para-ficar-parecido-ao-super-homem.html . Acesso dia 03/10/2012.	
2- Lisa Connell	54
Disponível em: http://www.thesun.co.uk/sol/homepage/woman/fashion/beauty/2763352/Tumour-girl-I-feel-sexy-again.html . Acesso dia 11/01/2013	
3- Nadya Suleman	56
Disponível em: http://www.techtudo.com.br/curiosidades/noticia/2011/10/site-lista-10-fotos-de-cirurgia-plastica-mais-bizarras.html . Acesso dia 11/01/2013	
4 e 5 – Valeria Lukyanova	57
Disponível em: http://noticias.r7.com/esquisitices/fotos/veja-a-barbie-ucraniana-antes-das-plasticas-20120524.html . Acesso dia 20/01/2013.	
6- Cindi Jackson	58
Disponível em: http://3.bp.blogspot.com/-9ozkuEX7Yv8/UMud4wj_smI/AAAAAAAAATvw/ZqKWPn2kjok/s1600/Cindy+Jackson+1.jpg . Acesso dia 20/01/2013.	
7 e 8 – Catrina Best	59
Disponível em: http://www.thesun.co.uk/sol/homepage/news/4726638/one-direction-transgender-fan-sex-swap-harry-styles.html . Acesso dia 21/01/2013.	